

Revista
UFAM
especial
ANO II - Nº 1

**CURSOS
EM JÚBILO**
2018





UFAM

REITOR

Sylvio Mário Puga Ferreira

VICE-REITOR

Jacob Moysés Cohen

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Selma Suely Baçal de Oliveira

Pró-reitoria de Extensão

João Ricardo Bessa Freire

Pró-reitoria de Inovação Tecnológica

Waltair Vieira Machado

Pró-reitoria de Ensino de Graduação

David Lopes Neto

Pró-reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Kleomara Gomes Cerquinho

Pró-reitoria de Administração e Finanças

Raimundo Nonato Pinheiro de Almeida

Pró-reitoria de Gestão de Pessoas

Maria Vanusa do Socorro de Souza Firmo

Revista Ufam Especial

CURSOS EM JÚBILO 2018

Ano 2 - número 1

EDITORIAL



Os cursos de graduação da Universidade Federal do Amazonas têm suas fundamentações no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e no Projeto Pedagógico Institucional (PPI), documentos que dão as diretrizes das políticas de ensino, pesquisa e extensão que balizam os Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs) da Ufam.

Produtora de saberes em excelência, a Ufam tem se destacado na qualidade e ampliação da oferta de cursos de graduação e pós-graduação, prezando pela formação ancorada no ensino-aprendizagem e indo da extensão universitária à iniciação à pesquisa científica.

A Universidade realiza seu mister envolvendo teoria, prática de campo, estágio curricular e atividades complementares que dinamizam o processo educativo, notadamente, pela aplicação de metodologias ativas, as quais mobilizam professores e alunos em encontros acadêmicos produtores de conhecimentos que traduzam o saber num cotidiano de formação profissional e cidadã do universitário.

Recentemente, em avaliação para credenciamento junto ao Ministério da Educação (MEC), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) permitiu-nos avançar como até então não havíamos feito. Com trabalho árduo e comprometimento de toda a nossa comunidade acadêmica, conseguimos alcançar a nota 4 (a máxima é 5) em nosso conceito institucional, de forma que a Ufam passa a integrar um seleto grupo com nota similar.

Neste ano de 2019, outros cursos de graduação ascenderam, a exemplo dos cursos de Relações Públicas, Estatística e Administração Pública (EaD) com nota 5 e outros, com nota 4, como é o caso de Educação Física e Administração (EaD), Agronomia (IEAA/Humaitá), Biblioteconomia e

Administração Universitária. A modalidade de Ensino a Distância também foi credenciada e passou à nota 4.

No campo da pós-graduação, a Ufam vem se destacando com a oferta de cursos de Mestrado e de Doutorado nas mais diversas áreas de conhecimento. Em 2019, passou a oferecer o Doutorado em Engenharia Elétrica e em Geografia e os mestrados em Direito e Enfermagem Profissional, além de mais de 10 cursos de especialização e, ainda, aprovou junto à CAPES o novíssimo mestrado acadêmico em Ciências do Movimento Humano.

Em relação aos Doutorados e Mestrados Institucionais, foram abertas vagas para Doutorado em Enfermagem em Saúde do Adulto (Proesa/EEUSP), Ciências da Comunicação (UFRGS) e o Mestrado em Artes Visuais (UFRGS). O enfoque primordial destas pós-graduações é a formação de pesquisadores/docentes e TAEs engajados no desenvolvimento da ciência na região amazônica. Estes projetos se somam aos Dinter em andamento em Filosofia, Enfermagem na Saúde, Ciências e Engenharia de Materiais, Medicina 1 (Fisiopatologia Clínica) e Medicina 2 (Ginecologia, Obstetrícia e Mastologia).

Em fase de elaboração de edital, estão os Minsters em Artes Visuais e Engenharia de Produção e os Dinters em Ciências da Informação, Engenharia de Produção e na área de saúde, Otorrinolaringologia, Oftalmologia e Cirurgia Cabeça e Pescoço.

Nossos Programas formam profissionais capacitados, com envergadura para refletir sobre a realidade social, política, ambiental e cultural na Amazônia e na Pan-Amazônia, o que nos confere enorme responsabilidade, visto que a Ufam possui significativa participação na capacitação de recursos humanos para a região.

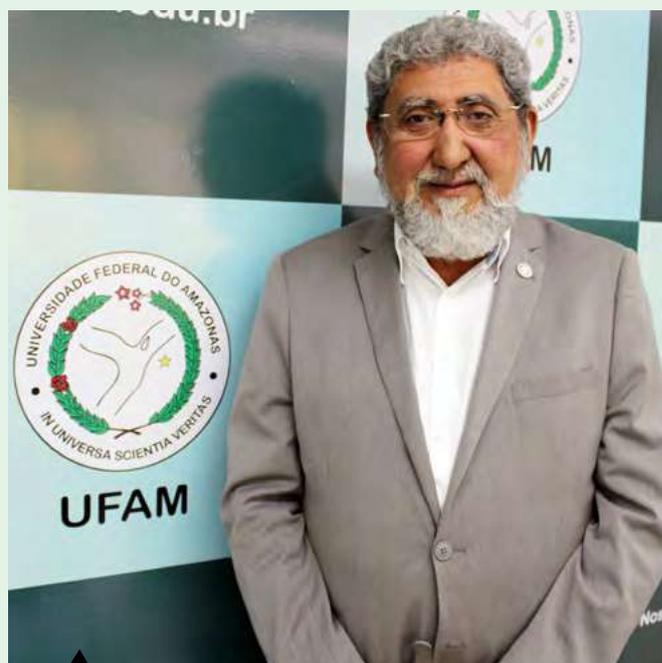
Nesta edição da Revista 'Cursos em Júblio' número II, oferecemos ao leitor um pouco da história dos Programas de Pós-Graduação em Matemática (PPGM) e em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), ambos com seus mais de 20 anos de existência e ainda em franca expansão; do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais (PPGCIFA), com seus 15 anos de atuação; e ainda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGASfd),

que completou uma década em 2018, o mesmo tempo de vida do Doutorado em Informática, que faz parte do PPGI, que é um Programa consolidado, atualmente com nota cinco na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A você, leitor, que nos acompanha desde a edição inaugural, nosso agradecimento. Boa leitura e até a próxima edição!



Sylvio Mário Puga Ferreira
Reitor da Universidade Federal do Amazonas



Jacob Moysés Cohen
Vice-reitor da Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO



Doutorado em informática forma pesquisadores de excelência para a Amazônia

6

14

Antropologia Social: pós-graduação estratégica para desvendar a cultura Amazônica

Duas décadas de pós-graduação: a matemática fortalecida no Amazonas, no Brasil e no mundo

24

32

Com 30 anos de história, curso de Ciências Sociais reitera sua contribuição para o Amazonas

De desenho industrial a design: a graduação que se reinventa há 30 anos

38

44

PPGSCA comemora 20 anos ressaltando a interdisciplinaridade como marca fundamental

Investigar a Floresta Amazônica é a missão do PPGCIFA há mais de 15 anos

50

56

Curso de economia comemora 60 anos de atividade

DOUTORADO EM INFORMÁTICA

FORMA PESQUISADORES DE EXCELÊNCIA PARA A AMAZÔNIA

Com nota cinco nas últimas avaliações da Capes, docentes e discentes do PPGI trabalham para ganhar posições na seleta lista de Programas de excelência internacional do País

por CRISTIANE SOUZA | imagens ASCOM UFAM

Primero Doutorado em Informática da região Amazônica, o curso ofertado pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) há mais de uma década já figura entre os 13 melhores do País e foi o primeiro da Instituição a receber o conceito cinco na avaliação da Capes, nota que manteve no último triênio. A meta é alçar o Programa ao nível de excelência internacional na área da Computação, conquistando, já na próxima avaliação, o conceito seis junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

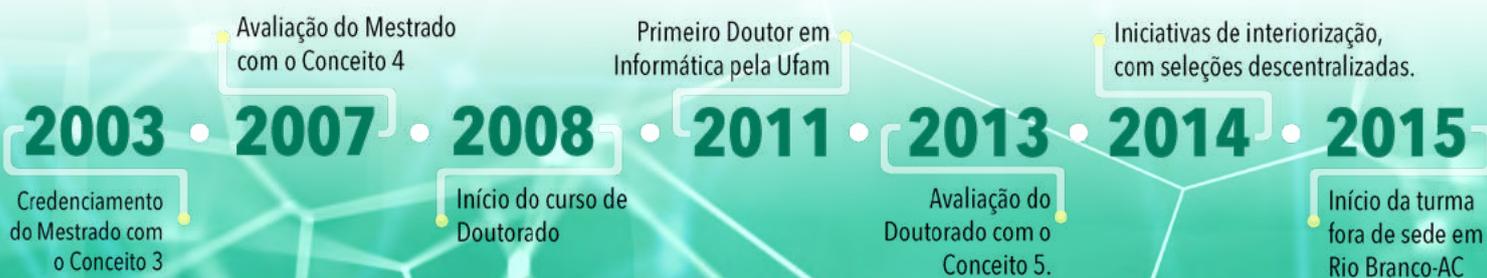
Não foi fácil conseguir um lugar ao sol, já que a área de Computação sempre foi carente na região Norte. “Antes, quando se concluía a graduação, a principal opção era trabalhar nas empresas do Distrito Industrial. Se você almejasse seguir a área acadêmica, seria necessário procurar cursos no eixo Sul-Sudeste ou mesmo em algumas univer-

sidades do Nordeste”, lembra o coordenador do PPG, professor Eduardo Feitosa.

Com o objetivo de superar esse entrave, o PPGI começou a funcionar nos blocos M e N do Setor Sul, antigo Minicampus, onde estavam localizados o Departamento de Ciência da Computação e o Centro de Processamento de Dados (CPD), este atualmente denominado Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC).

À época, o DCC e o CPD firmaram uma parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para a oferta de vagas no mestrado interinstitucional. Foi quando tomaram forma as primeiras atividades de pós-graduação da federal amazonense nessa área.

Segundo o professor Feitosa, os principais cooperadores para a abertura do Mestrado foram os egressos do Minter em parceria com a UFMG, que atuaram ao



Coordenador do PPGI, professor Eduardo Feitosa



lado de professores de outras instituições. Já em relação ao curso de Doutorado, este foi iniciado somente com os docentes da Ufam que já haviam concluído suas teses em outras Universidades.

Esse destaque entre as pós-graduações da Ufam é o resultado de um empenho que teve início ainda em 2003, quando fora reconhecido o Mestrado em Informática. Em 2007, os prédios do Instituto de Computação (Icomp) foram construídos no Setor Norte do Campus Sede e a migração ocorreu dois anos depois. Já em 2007, o Mestrado obteve a nota quatro em sua avaliação, o que possibilitou a proposição do Doutorado, cujas atividades iniciaram em 2008. “Essa é uma conquista muito rara para programas recém-criados. Tínhamos uma produção bem relevante para a época”, reconhece o coordenador do PPGI, professor Eduardo Feitosa.

Em 2011, formou-se o primeiro doutor do PPGI, Leandro Galvão, hoje professor do Instituto de Computação (Icomp). Nesse período, docentes e discentes têm trabalhado em diversas

frentes com o objetivo de captar pesquisadores em potencial, seja pela interiorização das seleções, seja pela recepção de candidatos estrangeiros, entre outras estratégias.

Em se tratando de trajetória na pesquisa, a diretora do Instituto de Computação (Icomp), Unidade Acadêmica onde está abrigado do PPGI, professora Tanara Lauschner, afirma que, desde cedo, os discentes têm contato com esse eixo da formação universitária.

“Acreditamos não ser possível dissociar o PPGI do próprio Icomp. Sempre realizamos as ações em conjunto e de forma que o Instituto e o Programa possam interagir e gerar excelentes resultados.

Quando a gente se planeja, e pensa em ações colaborativas, sempre pensamos incluindo a pesquisa”, assegura a docente.

Ainda segundo a diretora, outro fator de grande relevo é o envolvimento dos professores, o que acaba gerando uma boa produtividade, cujo principal reflexo é a publicação em periódicos de alto conceito e em conferências. “Nossos alunos já são envolvidos na pesquisa desde a graduação. Como o nosso PPG é nível cinco, existe a exigência de um número de publicações bem alto, não só pra manter esse conceito, mas para avançar para o seis. É essa a nossa busca”, complementa a professora Tanara Lauschner.

Hoje o programa está voltado para duas coisas. A linha principal ainda é a produção científica para a geração de conhecimentos acadêmicos, [...] e temos incentivado os nossos alunos a buscarem problemas acadêmicos, encontrarem a solução desses problemas e buscarem aplicação no mundo real”.

Coordenador do PPGI/Ufam, prof. Eduardo Luzeiro Feitosa.

Avaliação do Mestrado e do Doutorado mantém o Conceito 5

2017

2018

Iniciativas de Mobilidade Internacional para América do Norte e Europa

MESTRADO

109 Ingressantes
25 Concluintes

DOUTORADO

113 Ingressantes
30 Concluintes

LINHAS DE PESQUISA

- ▶ Banco de Dados e Recuperação da Informação.
- ▶ Inteligência Artificial Aplicada.
- ▶ Otimização, Algoritmos e Complexidade Computacional.
- ▶ Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos.
- ▶ Sistemas Embarcados e Engenharia de Software.
- ▶ Visão Computacional e Robótica.

Pensar o futuro

Em 2013, foi a primeira vez que o PPGI obteve o conceito cinco na avaliação da Capes e, apenas um ano depois, reforçou a expansão, com os cursos de nivelamento realizados no município amazonense de Itacoatiara e nas capitais de Rondônia, Roraima e Acre. Entre os anos de 2015 e 2016, por exemplo, as turmas de Mestrado e Doutorado em Boa Vista-RR e Rio Branco-AC ofertaram juntas 42 vagas, sendo 30 para a turma de mestres e outras 12 para a formação de doutores.

Conforme apresenta o professor Feitosa, as aulas dessas turmas eram ministradas em Rio Branco, que atendia à capital de Rondônia, e em Boa Vista. “Somente em Roraima são três doutores egressos do PPGI e outros sete em doutoramento no Programa. A maioria deles atua nos Institutos Federais. Então, nós já fomos convidados a colaborar com a criação de um mestrado na UFRR que está previsto para iniciar nos próximos anos”, adianta o coordenador do PPGI. Dois anos depois dessa iniciativa é que a Universidade Federal do Pará (UFPA) iniciou sua pós-graduação, quando finalmente o PPGI da Ufam deixou de ostentar a posição de único Programa da área na região Norte.

“Nosso primeiro desafio foi captar recursos para investir ainda mais na infraestrutura da Pós-Graduação. Em relação ao doutorado, obtivemos

conceito quatro da Capes na primeira avaliação por ainda não termos, naquele momento, doutores formados. Já em 2013, o Programa subiu para cinco, permanecendo até hoje entre os melhores PPGs da área no Brasil”, analisa professor Eduardo Feitosa. “Esse foi o resultado do empenho de todos os professores e da Universidade, de um modo geral”, completa o docente.

A notoriedade da pós-graduação em Informática ofertada na Ufam avançou pelo continente americano e chegou até a Ásia. Já passaram pelo PPGI discentes oriundos da Argentina, do Peru, de Cuba, da Venezuela, do Irã, da Índia e da Malásia. Com mais de 300 defesas de dissertações e quase 50 teses defendidas até o fim do ano passado, o PPGI segue firme no objetivo de fomentar a pesquisa e o desenvolvimento nos diversos segmentos do mercado.

“De fato, essa pós-graduação formou profissionais mais preparados, contribuindo também para a formação de recursos humanos aptos ao ensino da Computação e, mais recentemente, ao empreendedorismo”, aponta o professor Feitosa. Além do fomento a esse ramo – que envolve criatividade e inovação, e também os riscos do negócio – a empregabilidade desponta ainda no setor empresarial e nas organizações públicas de desenvolvimento tecnológico.

Professora Tayana Conte



Entre as instituições de ensino superior que têm absorvido os egressos estão o Instituto Federal do Amazonas (Ifam), a Universidade Federal de Roraima (UFRR), o Instituto Federal de Roraima (IFRR), o Instituto Federal de Rondônia (Ifro), a Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a própria Ufam.

Os institutos de pesquisa também disputam pelo know how dos pós-graduados, dentre eles o Instituto de Desenvolvimento Tecnológico (INdT), o Samsung Instituto De Desenvolvimento e Informática da Amazônia (Sidia), a Fundação Paulo Feitoza (FPF), o Instituto Ambiental e Tecnológico da Amazônia (Iatecam) e até a gigante mundial Google.

Estrutura

Para dar certo, todo plano precisa de recursos humanos e materiais suficientes e adequados. Nesse aspecto, os cursos ofertados pelo PPGI também estão bem servidos. Com 3,7 mil metros quadrados de área construída, o Instituto de Computação possui 14 laboratórios de grupos de pesquisa,

três laboratórios de ensino e salas para os doutorandos. O prédio chamado de Icomp Tech abriga, entre outros, os projetos de **empreendedorismo** desenvolvidos no Instituto.

“Quanto mais espaço, melhor. O Programa hoje possui 14 grupos de pesquisa em seis áreas, sendo necessária a ampliação da estrutura física conforme cresce essa demanda”, salienta o coordenador da Pós-Graduação, professor Eduardo Feitosa. Contando com ele, o corpo docente é formado por 26 professores permanentes, sendo que quatro deles têm Bolsa de **Produtividade em Pesquisa** ofertada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e outros dois estão enquadrados na categoria de Jovem Doutor.

Entre os trabalhos mais produtivos do PPG, possível destacar aquele realizado pela professora Tayana Conte, especialmente no ano de 2018, quando ela coordenou a mobilidade internacional para centros de pesquisa e universidades localizadas na América do Norte e na Europa, no âmbito do Programa de Estratégico de Tecnologia da Informação na Amazônia (Proti-Mobilidade). Os recursos disponibilizados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) foram direcionados às áreas tecnológicas.

Tayana Conte é, hoje, a única mulher com bolsa de produtividade da Capes na região Norte na área da Computação. “O docente faz muita diferença, e precisamos de mais mulheres fazendo esse trabalho. Hoje eu sou a única nessa condição, mas precisamos avançar nesse ponto, e esperamos que seja logo”, afirma a docente, em tom de motivação.

“Desde 2009, quando eu retornei do doutorado, pude orientar 23 mestrados e cinco doutorandos. Estamos formando mais por aí. Desses orientandos do doutorado, quatro

SAIBA MAIS

Produtividade em Pesquisa

Destinada aos pesquisadores que se destacam entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos estabelecidos pelo CNPq ou pelos Comitês de Assessoramento (CAs) do CNPq.

Empreendedorismo

Há aproximadamente 20 empresas que surgiram de experiências no PPGI ou ainda na graduação. O acompanhamento começou a ser feito por meio do Icomp Tech, que é fruto de uma parceria com a Samsung. Esse prédio é voltado ao empreendedorismo e abriga, atualmente, três empresas.

já lecionam em outras IFES [Instituição Federal de Educação Superior]. Então, nós estamos formando pessoas capacitadas que estão atuando em diversos locais do País”, completa ela.

“Hoje o programa está voltado para duas coisas. A linha principal ainda é a produção científica para a geração de conhecimentos acadêmicos, mas nós temos focado, tanto no Programa de Pós-Graduação quanto na Graduação, na força do empreendedorismo. Temos incentivado os nossos alunos a buscarem problemas acadêmicos, encontrarem a solução desses problemas e buscarem aplicação no mundo real”, aponta o professor Feitosa sobre o escopo do PPG.

“Existem aproximadamente 20 empresas que surgiram de experiências no PPGI ou ainda na graduação. Começamos a fazer esse acompanhamento por meio do Icomp Tech, que é fruto de uma parceria com a Samsung. Esse prédio é voltado ao empreendedorismo e abriga, atualmente, três empresas. Todos que utilizam esse espaço são alunos ou egressos da graduação ou da pós em Informática. Outros de nossos egressos estão atuando em empresas como Google, Microsoft e Siemens”, destaca o coordenador do Programa.

“Essa experiência me fez crescer como pesquisador, porque pude compreender como os outros pesquisadores trabalham. E também pude ver que aqui no Amazonas nós fazemos pesquisas tão boas quanto lá. O nosso PPGI é muito reconhecido lá fora”.

Doutorando Williamsson Silva, sobre intercâmbio na Universidade North Arizona University (NAU), nos Estados Unidos.

Segundo o professor, o contexto da Zona Franca é interessante, pois existe uma demanda de empresas interessadas em egressos de mes-

TRABALHOS E RESULTADOS

As parcerias com grupos de pesquisa, institutos e universidades estrangeiras são reforçadas pelas recentes iniciativas de internacionalização. No segundo semestre de 2018, foram ofertadas bolsas em Programa de Mobilidade Internacional financiado pela Fapeam.

O doutorando Williamsson Silva, da turma 2015-2019, realizou intercâmbio na Universidade North Arizona University (NAU), campus da cidade de Flagstaff, no Arizona, EUA. “Essa experiência me fez crescer como pesquisador, porque eu pude compreender como os outros pesquisadores trabalham. E também pude ver que aqui no Amazonas nós fazemos pesquisas tão boas quanto lá.

O nosso PPGI é muito reconhecido lá fora, principalmente com o professor que me auxiliou no intercâmbio”, esclarece o discente pós-graduando.

Williamsson trouxe excelentes resultados para o PPGI, para a Ufam e para o Amazonas. “Trouxe-



LATO SENSU EM IoT

*Especialização em
Internet das Coisas*

PROPOSTA

A Internet of Things é a combinação de tecnologias que interconectam objetos usados no dia a dia à Internet.

OBJETIVO

Capacitar os profissionais de diversas áreas da computação e engenharias para desenvolverem soluções para a Internet das Coisas.

PÚBLICO

Profissionais formados em Ciência da Computação, Engenharia da Computação, Sistemas de Informação, Engenharia de Elétrica ou Eletrônica.

REQUISITOS

Conhecimentos básicos em eletrônica e programação.

trado e doutorado da Ufam. “Há duas questões interessantes. A primeira é que as empresas estão, de fato, procurando profissionais que solucionem seus problemas.

A outra coisa é a onda do empreendedorismo, porque há coisas no mundo real que podem ser solucionadas através de ideias inovadoras em *start ups*”, explica ele. “Para as empresas, é mais interessante adquirir a *start up* - ou os profissionais, sem a necessidade de investir na formação, mas sim obter os resultados, a proposta final”, conclui.

Carreira acadêmica

Argentino, o professor Juan Gabriel Colonna é egresso do Mestrado e do Doutorado em Informática da Ufam, nos anos de 2012 e 2018, respectivamente. Graduou-se em Engenharia em Telecomunicações pela Universidade Nacional de Río Cuarto (UNRC), no seu País de origem, em 2009.

Já no ano de 2010 ele deu início à pós-graduação no PPGI. Com o trabalho, a dissertação foi premiada no Concurso Latino-americano voltado para a área. Com pesquisa inserida no tema no tema geral da Biodiversidade, Juan Colonna trabalhou

mos dois artigos submetidos para a publicação em Journals e outros dois estão ainda em processo de escrita, sendo que um deles já deve submetido em breve e o segundo ficará para 2019”, conta o jovem doutorando.

A doutoranda Dhanielly Lima também aproveitou bastante a oportunidade do intercâmbio científico. “Eu me graduei na minha cidade, Boa Vista. Um ano depois de concluir, eu ingressei no Mestrado aqui no Icomp, e o doutorado veio logo em seguida, dando prosseguimento ao projeto com o mesmo orientador”, recorda a estudante. Lá, a pós-graduanda aprimorou as estratégias para a defesa da tese, prevista para este ano.

Ela também vivenciou a pesquisa no Campus de Flagstaff da North Arizona University, atuando em parceria com os professores Marco Aurélio Gerosa, Tayanna Conte e José Francisco de Magalhães Neto. “Foi uma experiência muito válida e importante, porque eu consegui desenvolver um modelo conceitual da minha tese no período de um mês, além de submeter e publicar num periódico e participar de um congresso em San Jose, na Califórnia, com duas apresentações”, enumera a discente. Já em Manaus, Dhanielly Lima trabalha noutro texto, que já se encontra em fase de submissão, e avalia que os resultados superaram suas expectativas.



Professor Juan Gabriel Colonna em seu projeto de Monitoramento Ambiental Bioacústico.

especificamente com o Monitoramento ambiental bioacústico. “Trata-se de uma rede de sensores sem fio para monitoramento de anfíbios que captura o coachar e é capaz de identificar a espécie e os indivíduos, o que é muito útil para o controle populacional”, explica.

O professor Marcelo Gordo, docente do Instituto de Ciências Biológicas da Ufam, tanto apresentou a demanda como auxiliou na pesquisa, ao fornecer uma base de dados composta por áudios já gravados, nos quais eram delimitados o coachar e a espécie respectiva, sempre considerando as ocorrências no espaço do Campus Universitário em Manaus.

“O trabalho começou pela determinação do método de reconhecimento (classificação), passando pela compressão de informações na base de dados e pela fusão de dados, ou seja, a seleção de informações pela redução de ruídos, por exemplo. No doutorado, sensores foram empregados em colaboração ativa para eliminar as ambiguidades, ou seja, foram fortemente empregados na fase de classificação, tudo isso por meio de simuladores de situações reais com uso das gravações já armazenadas”, esclarece Juan Colonna.

Também num ponto mais apurado da pesquisa, foram identificadas as variáveis ambientais, estas apresentadas como ruído branco ou colorido. Conforme essa classificação, os ruídos de baixa frequência – como a chuva e o vento – são

chamados de coloridos. De acordo com a simulação, quanto mais longe o anuro, mais difícil é separar o coachar do ruído e, conseqüentemente, mais complexo se torna o processo de identificação da espécie.

Nesse ponto, surgiram objetivos mais detalhados e aptos a gerar resultados ainda mais fidedignos para a pesquisa de doutorado. O primeiro passo foi filtrar os ruídos, seguido da segmentação do sinal. Nesse ponto, a contribuição interdisciplinar das Ciências Biológicas dá conta de que o coachar é mais frequente ao entardecer. Isso foi considerado na pesquisa, afinal, nesse horário, partes significativas do sinal teriam mais relevância durante a seleção.

Após a segmentação, é o momento de classificar os sinais obtidos conforme a taxonomia definida também pelas Ciências Biológicas. Utiliza-se a classificação que parte de um conjunto geral, as famílias, passando pelo gênero até alcançar as espécies. Esse modelo de organização filogenética ajuda a reduzir os erros.

“Na pesquisa de doutoramento, foram utilizados os dados de quatro famílias, oito gêneros e dez espécies, com emprego da técnica de balanceamento de amostras. Quanto maior o nível de generalização, melhor é o resultado da classificação, evitando a entropia – o grau de ordem ou desordem de um sistema”, conclui o professor Juan ao detalhar a tese.

EXCELÊNCIA INTERNACIONAL

Para alcançar a nota seis na avaliação da Capes em 2020, que está nos planos do Programa, o professor tem a receita: “Você só pode subir trabalhando mais; e trabalhar mais é publicar mais. O enfoque vai ser a publicação em periódicos, acompanhada pelo que é o nosso forte, a publicação em conferências. Além disso, pretendemos reduzir o tempo médio de formação de doutores para algo entre 48 e 52 meses, no máximo”.

Como resultado, poderemos ingressar num grupo mais seletivo ainda e atrair melhores alunos, receber mais recursos para fomentar a participação em eventos e o desenvolvimento dos projetos, ganhar mais bolsas e pleitear o reconhecimento internacional para a Ufam. “Estaremos visados por pes-

quisadores, empresas e parceiros do mundo todo em consequência da boa avaliação do nosso programa, que já está entre os de mais excelência no País”, conclui.

é intenso o investimento em diversidade de formação num amplo espectro de áreas da Computação, produção internacional e significativo número de publicações científicas nos estratos A1-B1, nível de desempenho equivalente ao de centros internacionais de excelência, estratégias de solidariedade e nucleação e ajustes na Proposta do Programa, além da ousada expectativa de formar, até 2020, 350 mestres e 100 doutores.

Quanto à produção científica, tendo por base o biênio 2017-2018, o coordenador da pós-graduação acredita que a meta de alcançar o conceito seis no quadriênio de avaliação 2017-2020 é sim exequível. “Precisamos trabalhar os pontos que não foram tão fortes na última avaliação, por exemplo, focar na



publicação em Journals de Qualis Capes entre A1 e B1. Cada publicação num periódico desse nos habilita a apresentar três publicações em conferências para o mesmo período avaliado, de forma equilibrada”, afirma. Entre 2013 e 2018, a produção geral teve os seguintes números: 122 artigos em periódicos indexados e 608 em conferências.

publicação em Journals de Qualis Capes entre A1 e B1. Cada publicação num periódico desse nos habilita a apresentar três publicações em conferências para o mesmo período avaliado, de forma equilibrada”, afirma. Entre 2013 e 2018, a produção geral teve os seguintes números: 122 artigos em periódicos indexados e 608 em conferências.

São traçadas desde já as estratégias capazes de elevar o conceito do PPG. Planejando um passo de cada vez, discentes e docentes já sabem quais os critérios que têm maior peso na avaliação trienal. Por esse motivo,

CRITÉRIOS PARA A NOTA 6

- 1 Diversidade de formação dos docentes num amplo espectro de áreas da Computação.
- 2 Estratégias de solidariedade e de nucleação, simultaneamente.
- 3 Expectativa de formar 100 doutores e 350 mestres até o fim de 2020.
- 4 Docentes e discentes com produção internacional e significativo número de publicações científicas nos estratos A1-B1.
- 5 Nível diferenciado em relação aos demais PPGs da área e desempenho equivalente ao de centros internacionais de excelência.
- 6 Conceito “Muito Bom” nos quesitos Proposta do Programa, Corpo Docente, Corpo Discente, Produção Intelectual e Inserção Social.



ANTROPOLOGIA SOCIAL:

ATUAÇÃO ESTRATÉGICA PARA DESVENDAR A CULTURA AMAZÔNICA

Demanda pelo PPG tem aumentado nos últimos anos por conta da formação de profissionais altamente qualificados e pela sua capacidade de construir um marco conceitual que impulsiona programas e políticas sociais e culturais na região Norte

por JUSCELINO SIMÕES | imagens ASCOM UFAM

Em 2018, o Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/Ufam) completou seus primeiros dez anos de existência, a contar do ingresso de sua primeira turma de mestrado, em 2008. Durante esse período, o Programa formou um total de 103 pós-graduados, sendo 86 mestres e 17 doutores.

Hoje, os egressos atuam em diversas instituições acadêmicas nacionais e internacionais e contribuem na produção do conhecimento antropológico com ênfase na **Amazônia**. A demanda pelos cursos tem aumentado a cada ano, embalada pela inevitável transformação social. No primeiro decênio do Programa, já é visível a consolidação da pesquisa na área de Antropologia, especialmente nos temas de migração, de violência, de territorialidade, de relação de gênero de questões indígenas e urbanas.

O PPGAS foi criado em 2007, ano de aprovação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e implantado no ano seguinte. Atualmente, oferece os cursos de mestrado e de doutorado em Antropologia Social e tem como objetivo a formação de profissionais altamente qualificados, aumentando ainda mais as oportunidades de reprodução de quadros na região amazônica.

O Programa contribui ainda com a formação de um marco conceitual e a proposição de programas e políticas sociais e culturais na região Norte do Brasil, a partir da articulação com centros de excelência em Antropologia, sejam eles nacionais ou internacionais, a fim de explorar temas atuais no contexto da realidade Pan-Amazônia.

O antropólogo Clayton Souza Rodrigues é egresso da primeira turma de mestrado do Programa, iniciada em 2008. Ele explica que, desde a graduação, já tinha a percepção que iria para esta

SAIBA MAIS

Amazônia

Região que abrange os países que têm a Floresta Amazônica em seu território: Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, as Guianas e o Suriname, além do Brasil. O movimento social se apropriou desse conceito como sendo um conceito de luta desses povos. É uma categoria de luta e a construção de uma identidade para a luta [...] não é só uma questão física e geográfica, mas são povos que enfrentam os mesmos problemas de viverem e sobreviverem numa das últimas reservas de floresta tropical úmida no mundo, e também uma das últimas reservas dessa biodiversidade.

área. “Tenho boas lembranças da turma, mas também me lembro das dificuldades, que aos poucos foram sendo superadas”, recorda o pesquisador.

“Fazer parte daquela primeira turma foi um desafio. Alguns colegas saíam do Amazonas para se especializar, pois ainda não havia o Programa aqui, mas eu resolvi aguardar até a primeira seleção do PPGAS. Inicialmente, duas questões preocupavam mais: o espaço e a identidade do Programa. Afinal, ele foi criado sem uma infraestrutura prévia, de modo que alugaram um casarão localizado no Centro da cidade, onde passou a funcionar. Apesar de longe do Campus principal da Ufam, o espaço concentrou discentes e docentes em um mesmo ambiente e isso ajudou a dinamizar as pesquisas”, explica Clayton Rodrigues.

Origem

O PPGAS é resultado da demanda de algumas instituições, como a Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs), a

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a própria área da Antropologia da Capes. Todas essas entidades organizaram um movimento que culminou na emblemática criação do Programa de Pós-Graduação na Ufam, em plena região Norte.

Na época, a Administração Superior da Universidade havia solicitado ao então Ministério da Educação e Cultura (MEC) a abertura de uma seleção para dez professores com doutorado em Antropologia, estratégia encontrada para montar o quadro docente do Programa. Existia uma demanda reprimida, e essas instituições encaminharam a informação para a Capes – representante do MEC no que tange à pós-graduação.

Então, o Governo Federal decidiu criar as vagas e a Administração Superior da Ufam optou por canalizar essas oportunidades para a criação de um programa de pós-graduação voltado à qualificação de pesquisadores em nível de mestrado e doutorado.



Aula inaugural do PPGAS em 2016, no ICHL



Antropólogos Roy Wagner e Gilton Mendes entre estudantes



Isso foi um feito inédito no Brasil, quando se trata da Antropologia. Antes vinculado ao Museu Amazônico – órgão suplementar da Ufam, o Programa de Pós-Graduação integrou-se, a partir de 2017, à estrutura administrativa do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS).

“Inicialmente, nós passamos pelas dificuldades que são comuns a qualquer programa, porque quem veio atuar conosco foram jovens doutores recém-formados. O primeiro desafio, então, foi criar um programa a partir de um time com pouca experiência. Para superar este desafio, adotamos a estratégia de convidar coordenadores de PPGS da Ufam – e também de outras universidades – com o apoio da Capes e da Associação Brasileira de Antropologia, de modo que contamos com assessores experientes para dar suporte na fase de implantação do PPGAS”, relata o coordenador do Programa, professor Gilton Mendes.

LINHAS DE PESQUISA

O PPGAS possui atualmente estas cinco linhas de pesquisas: Antropologia da Amazônia indígena; Povos tradicionais e mundo rural amazônico; Política, territorialidade e mobilidade social; Linguagem, arte e sistemas simbólicos; Cidade, patrimônio e práticas culturais urbanas. Já os núcleos de pesquisa são estes: Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), Núcleo de Estudos de Políticas Territoriais na Amazônia (NEPTA) e Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA).

Aluno de mestrado Gabriel Sodré Maia



Convênios nacionais e internacionais

Hoje, todos os docentes do PPGAS atuam em atividades de pesquisa, estas articuladas com seus pós-graduandos e dinamizadas pelo trabalho de núcleos e laboratórios, tudo isso dentro de uma estrutura fundamentada nas diferentes linhas de pesquisa do Programa. O PPG tem forte articulação junto aos centros de excelência em Antropologia no Brasil e no exterior, expressa por meio de parcerias e convênios. Entre outros, vale destacar o Instituto Brasil Plural (IBP) e a parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O PPG é membro do IBP desde a primeira edição, em 2009 (a segunda teve início no ano de 2017 e envolve outras universidades, como a Federal de Mato Grosso e a Universidade de Brasília).

Nesse dez anos, houve importantes parcerias com Programas de Cooperação Acadêmica (Procad/Capes), a exemplo daquele estabelecido com a Universidade de São Paulo (USP), entre os anos de 2009 e 2013; com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a UFSC, no mesmo período; com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (MN/UFRJ), por meio de um “Casadinho”; com o Programa de Cooperação Internacional Capes/UDELAR, com a Universidad de la Republica de Uruguai; e, por fim, por meio

do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI). O PPGAS também firmou parceria com o Instituto de Antropologia Cultural da Universidade de Munique, na Alemanha.

A partir de um convênio fechado em 2015 entre a Ufam e a Universidad Nacional de Colombia (UNAL), o PPGAS propôs um plano de trabalho em parceria com o Instituto Amazônico de Investigaciones (IMANI) – Sede Amazônia, com o objetivo de viabilizar o intercâmbio de professores e de alunos, além fomentar a coedição da Revista Mundo Amazônico, cuja primeira edição foi lançada em 2017. Essas articulações têm reflexo no crescente investimento em qualificação dos professores do quadro permanente em nível de pós-doutorado.

O corpo docente do PPGAS exerce, desde a sua criação, uma forte influência no curso de Ciências Sociais da Ufam, estreitando assim as relações com a graduação e ampliando o leque de estudos e investigações sobre a realidade amazônica. Como consequência dessa interação, o Programa contribui de maneira substantiva para a ampliação do estoque de bolsas de iniciação científica (PIBIC) em consonância com suas diferentes linhas de pesquisa.

Além disso, a atuação é forte junto aos cursos de licenciatura que a Ufam mantém em dife-

Professor Sidney Antônio da Silva reunido com estudantes do programa



LABORATÓRIOS E NÚCLEOS DE PESQUISA

- ② AJURI - Cultura, Política e Meio Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia
- ② AZULILÁS - Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Gênero, Família, Conflitos e Sexualidade
- ② GEMA - Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia
- ② GESECS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades
- ② História, Línguas E Culturas Indígenas
- ② LEPAPIS - Laboratório de Estudos Panamazônico, Pesquisa e Intervenção Social
- ② MARACÁ - Grupo de Pesquisa sobre Arte, Cultura e Sociedade
- ② NAURBE - Cidades, Culturas Populares e Patrimônios
- ② NEAI - Núcleo de Estudos Da Amazônia Indígena
- ② NEPTA - Núcleo de Estudos de Políticas Territoriais na Amazônia
- ② PNCSA - Projeto- Nova Cartografia Social da Amazônia

rentes localidades do Amazonas. De modo particular, destaca-se a participação de professores e alunos do PPGAS na Licenciatura Indígena Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável, ofertada no município de São Gabriel da Cachoeira.

Os docentes vinculados ao PPG participam ativamente de várias comissões na área de Ciências Humanas (Comissão do PIBIC, Comissão de Ética em Pesquisa, dentre outras), de divisões setoriais e da direção do Museu Amazônico, além de outras funções institucionais externas, como a diretoria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Nesse período, o Programa se destacou como importante interlocutor de instituições públicas de atuação regional, como o Ministério Público Federal (MPF), o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e a Fundação Nacional do Índio (Funai), além de organizações civis, indigenistas, indígenas, quilombolas, de mulheres, entre outras. Docentes do programa ainda participaram de importantes cargos representativos na área de Antropologia em todo o País, a exemplo da diretoria da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET).

Ações afirmativas

A partir de 2010, num gesto inédito entre os programas de pós-graduação em Antropologia no Brasil, o PPGAS da Ufam deu início ao seu plano de ação afirmativa, assegurando vagas para indígenas nos processos seletivos desde então. O princípio, muito mais do que apenas cumprir a ‘justiça social’, incorpora as diferenças epistemológicas. A participação social indígena tem se revelado promissora e dado notabilidade ao Programa, que passou a ser referência no Brasil no que diz respeito à política de inclusão intelectual na qualificação de “antropólogos”. Até o ano de 2018, o programa já tinha acolhido 33 alunos indígenas – quatro no doutorado e outros 29 no mestrado – dos quais 11 já concluíram a pós-graduação.

O doutorando João Rivelino Rezende Barreto, da [etnia Tukano](#), é natural da aldeia São Domingos Sávio, localizada no Rio Tiquié, em São Gabriel da Cachoeira. Vindo do Norte do Amazonas, ele fez parte da segunda turma do mestrado, em 2009. Na época, o Programa ainda estava em construção, mas isso também foi importante para a formação acadêmica dele, que tinha o objetivo de ser protagonista – e não objeto de pesquisa do Programa.

“Sou da segunda turma do PPG. Na época, nós estudávamos no bloco do curso de História, no antigo ICHL [Instituto de Ciências Humanas e Letras]. Eu era um jovem estudante saído da graduação de Filosofia e buscava dar continuidade aos estudos. Tinha receio do volume de leitura, da complexidade do conteúdo e da aceitação de um indígena da etnia Tukano na turma. Acreditava que teria dificuldades para ser aceito, mas isso não era um limite e sim uma possibilidade de viver a Antropologia na condição de acadêmico e não apenas como um ‘objeto’ ou sujeito da pesquisa, como outrora o povo indígena viveu. Meu objetivo era ser protagonista e não o pesquisado. A Antropologia não pode ser vista como uma mera disciplina acadêmica, mas sim como um campo de pesquisa com maior espaço no cenário científico na Amazônia.

SAIBA MAIS

Etnia Tukano

Os povos indígenas conhecidos como Povos Tukano integram atualmente 17 etnias que vivem às margens do Rio Uaupés (AM) e seus afluentes e também na Colômbia, na mesma bacia fluvial. Esses grupos indígenas falam línguas da família Tukano Oriental e participam de uma ampla rede de trocas, que incluem casamentos, rituais e comércio, compondo um conjunto sociocultural definido, comumente chamado de “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná”. Este faz parte de uma área cultural mais ampla, abarcando populações Aruak e Maku.



João Rivelino Barreto,

Egresso da segunda turma do mestrado

“Além de ser o único indígena na turma, também era único oriundo de instituição particular, os demais colegas eram de instituições públicas. Tendo em mente que estava no mestrado, não temia as atividades acadêmicas que iria enfrentar. Acreditava que não seria aceito por docentes e discentes, mas isso não era um limite, mas sim uma possibilidade de viver a Antropologia na condição de acadêmico, e não apenas como um ‘objeto’ ou mesmo um ‘sujeito’ da pesquisa, como outrora o povo indígena viveu. Entendo que a Antropologia não pode ser vista como mera disciplina acadêmica, mas como um campo de pesquisa com maior espaço no cenário científico na Amazônia. Aos poucos, eu estou retornando para minha base cultural, além de poder dividir espaço no contexto urbano onde encontrei minha esposa (não indígena) e meus filhos, que nasceram em Manaus e em Florianópolis.”

“O doutorado representou uma nova descoberta, o ganho de uma maturidade intelectual e o desejo de continuar lutando para aprender mais e estar aberta ao diálogo interdisciplinar e de poder contribuir com a produção do conhecimento.”

Gláucia Baraúna, primeira egressa do Doutorado



Depois da conclusão do mestrado, passei a lecionar em universidades pelo País por vários anos e, em 2016, retornei a Manaus. Atualmente, trabalho como professor na Faculdade Salesiana Dom Bosco, nos cursos de Pedagogia e Administração, onde ministro aulas de Filosofia e Antropologia”, afirma João Rivelino Barreto.

Preparando o futuro

Situado no coração da Amazônia, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social consolida-se como um importante centro de formação de profissionais, contribuindo para a melhor compreensão de sua complexa realidade sociocultural e das transformações necessárias para o desenvolvimento da produção intelectual da região. O Programa tem conduzido muito de suas pesquisas em estreita participação dos atores locais, ao mesmo tempo em que promove uma simetria na produção do conhecimento na Amazônia.

Doutora pelo PPGAS, Gláucia Baraúna destaca as inúmeras contribuições acadêmicas em sua formação profissional, tendo a oportunidade de vivenciar o processo de desenvolvimento e expansão do Programa. “Foi uma experiência marcada pelo aprendizado. Conheci outras opiniões de professores e colegas e esse contato trouxe muitas contribuições. A troca de conhecimento fortaleceu os vínculos em torno de atividades que passamos a realizar valeu a experiência. Ela contribuiu para a ampliação do saber antropológico”, constata a egressa.

Para ela, o doutorado representou uma descoberta, um ganho de maturidade intelectual e o desejo de continuar lutando para aprender mais. “Estou aberta ao diálogo interdisciplinar e tenho o desejo de poder contribuir com a produção do conhecimento nessa área. O Programa nasceu da necessidade de se fazer pesquisa antropológica na Amazônia e de qualificar pesquisadores na região. O curso me proporcionou tudo isso, além de também me inserir na luta pela melhoria das condições do Programa”, reconhece Gláucia Baraúna.

2007

Aprovação do mestrado e do doutorado pela Capes

2008

Seleção de candidatos e início das aulas da primeira turma de mestrado

2009

Realização da primeira defesa de dissertação da discente Katiane Silva, em dezembro de 2009

2012

Titulação do primeiro aluno indígena em nível de mestrado, discente João Rivelino Rezende Barreto, em 23 de março

2011

Ingresso de quatro indígenas aprovados para o curso de Mestrado

2010

Primeiro processo de seleção, com abertura de vagas para políticas afirmativas, em nível de Mestrado e doutorado

2014

Realização da primeira defesa de tese da discente Gláucia Maria Quintino Baraúna, em 23 de setembro de 2014

2017

Publicação do primeiro edital específico para candidatos indígenas

2018

O Programa ultrapassou a centésima defesa. São 17 teses e 86 dissertações já defendidas, dentre elas, 15 são de alunos indígenas de diversas etnias

EGRESSOS DO PPGAS

86 MESTRES 17 DOUTORES

UM TOTAL DE 103

PRODUÇÃO EDITORIAL EM LÍNGUA TUKANO

Dagolberto Lima Azevedo, Gabriel Sodré Maia, João Paulo Lima Barreto e João Rivelino Rezende concluíram o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/Ufam), ligados ao Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), e são autores da coleção 'Reflexividades Indígenas'. Os pesquisadores foram responsáveis por contribuir com a construção de uma epistemologia Yepamahsã (Tukano) ao sistematizarem conceitos, concepções e práticas desse povo do Alto do Rio Negro.

As quatro publicações geradas são fruto das respectivas dissertações e representam um movimento de pesquisa inédito em que os 'observados' passam a ser 'ob-



▲
Coleção faz parte do projeto "Rios e Redes da Amazônia Indígena", vinculado ao NEAI

servadores' e inclusive sujeitos da própria pesquisa. Os livros acessam novas chaves antropológicas e experimentam a lógica que traduz as relações estabelecidas entre pessoas de mundos e culturas diversas. Duas das publicações foram escritas em português e na língua Tukano.

A publicação 'Agenciamento do mundo pelos Kumuã Ye'pamahsã: O conjunto de bahseses na organização do espaço Di'ta Nuhku', de Dagolberto Lima Azevedo, trata da concepção do espaço terra-floresta. Na obra, o autor volta-se para a forma singular de selecionar plantas, animais, seres visíveis e invisíveis, tipos de solo, etc. O egresso Dagolberto Lima é Tukano do sib Nāhuriporã, nascido e criado na comunidade Mahawí'i Tuhkuro (Pirarara - Poço), Rio Tiquié, terra indígena do Alto do Rio Negro.

O livro 'Formação e transformação de coletivos indígenas do noroeste amazônico: do mito à sociologia das comunidades', de autoria de João Rivelino Rezende Barreto, aborda o sistema hierárquico na organização social do alto do Rio Negro, com foco nos Tukano orientais e a partir do que informam os Yupuri Bubera Porá. O autor é nascido em São Domingos Sávio (AM) e trabalha, atualmente, como professor no curso de Pedagogia na Faculdade Salesiana Dom Bosco.

Já o título "Bahsamori: o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Ye'pamahsã", escrito por Gabriel Sodré Maia, diz respeito ao conjunto dos grandes rituais e cerimônias que são associados a calendário anual, baseado na dinâmica das constelações. Gabriel Sodré pertence ao grupo Yeparã Oyéporã dos líderes Yepamahsã (Tukano).

João Paulo Lima Barreto é autor do livro Waimahsã: peixes e humanos, que



Obra foi escrita por docentes do PPGAS e reúne o conhecimento *tukano*

propõe uma reflexão sobre o conjunto de narrativas míticas que incluem os feitos e as tramas vivenciadas pelos responsáveis pela organização do mundo, dos seres e das coisas. Ele é nascido na aldeia São Domingos, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), Idealizador do Centro de Medicina Indígena e aluno de doutorado do PPGAS/Ufam.

Como complemento à coleção, o NEAI publicou o livro 'Omerõ: Construção e circulação de conhecimentos Yepamahsã', escrito pelos autores Gilton Mendes dos Santos, Carlos Machado Dias Jr., Ernesto Belo, Lorena França, Dagolberto Lima Azevedo, Gabriel Sodré Maia, João Paulo Lima Barreto e João Rivelino Rezende. O título é uma síntese do conhecimento Tukano, a partir do tripé conceitual Kihti - Bahsésé - Bahsamori, e resultado do empreendimento coletivo do grupo.

DUAS DÉCADAS DE PÓS-GRADUAÇÃO: A MATEMÁTICA

FORTALECIDA NO AMAZONAS, NO BRASIL E NO MUNDO

Dentre as instituições parceiras, destacam-se a Universidade Federal do Pará (UFPA), com a qual o PPGM mantém o doutorado, e a Universidade Federal do Ceará (UFC)

por CRISTIANE SOUZA | imagens ASCOM UFAM

O Programa de Pós-Graduação em Matemática da Universidade Federal do Amazonas (PPGM/Ufam) foi criado em 1998, tendo como única área de concentração a Geometria Diferencial. Desde então, avançou para sete subáreas. Foi recomendado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 2003 e, atualmente, é avaliado com a nota quatro. Em 20 anos, já foram formados mais de cem mestres.

Os responsáveis pela implantação foram os professores Renato Tribuzy, Ivan Tribuzy (*in memoriam*) e Danilo Benarrós, docentes da Ufam que formularam a primeira proposta para o curso de Mestrado, que fora implantado na mesma época em que teve início o PPG da Universidade Federal do Pará (UFPA). Hoje, o Programa é coordenado pelo professor José Nazareno Vieira Gomes, tendo a professora Flávia Morgana Oliveira Jacinto como vice-coordenadora. A eles cabe a tarefa de prosseguir na construção de um importante legado deixado pelos três precursores da Matemática no Amazonas.

Inicialmente, o objetivo era formar mestres em Geometria Diferencial e o PPGM teve a cooperação da Universidade Federal do Ce-

ará (UFC) pela atuação de professores que vinham ministrar os cursos avançados. Hoje, o Programa oferece Mestrado em Matemática, Matemática Aplicada e Estatística, com linhas de pesquisa em Geometria Diferencial, Análise, Álgebra, Otimização, Biomatemática, Teoria do Controle e Computação Gráfica. Já o curso de Doutorado, realizado em ampla associação com a Universidade Federal do Pará (UFPA), forma nas áreas de Análise, Geometria Diferencial e Matemática Aplicada.

Um dos três responsáveis pela instalação do Programa, o professor Renato Tribuzy, lembra as principais motivações para a empreitada. “Especificamente na área de Matemática, não havia pós-graduações na região Norte. Tanto em Manaus quanto em Belém, os cursos iniciaram praticamente na mesma época”, relata. À época, um professor da USP sugeriu a criação de um curso de mestrado no Amazonas. O professor Renato era líder o grupo de pesquisa em Geo-

SAIBA MAIS

In memoriam

O professor Ivan de Azevedo Tribuzy, falecido em 14 de junho de 2015, foi um dos precursores do curso de pós-graduação em Matemática da Ufam.

metria Diferencial, que funcionou como um embrião para a pós na área de Matemática.

“O PPGM transformou completamente o Departamento. Antes, funcionava praticamente como uma escola de terceiro grau, onde os estudantes assistiam às aulas e faziam as provas... Concebido o mestrado, o ritmo da pesquisa, da solução de problemas em aberto avançou significativamente, e esse aspecto foi se desenvolvendo ao longo dos anos até chegar a hora de se criar o doutorado. O curso é fruto de uma parceria entre a Ufam e a UFPA, onde o mestrado também é nota quatro no conceito da Capes”, conta o docente.

Ao longo dos anos, a maturidade e o fomento para a pesquisa conduziram à ampliação do processo seletivo, por meio de parcerias firmadas com três *campi* da Ufam no interior – Itacoatiara, Humaitá e Coari – e com outras universidades, a exemplo dos *campi* da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) sediados em Tabatinga e em Parintins, e das Federais de Roraima, Rondônia, Amapá, Acre e Ceará, esta última localizada na cidade de Juazeiro do Norte. Alguns desses locais funcionam como polos de nivelamento e locais de aplicação de provas dos processos seletivos. A partir de 2018, a cidade de Parintins também passou a sediar a aplicação das provas.

Já no cenário internacional, o prestígio alcançado foi suficiente para estabelecer parcerias com instituições localizadas nas cidades colombianas de Medellin, Bogotá e Chia, por exemplo. O caminho para a excelência internacional, no entanto, apresenta uma série de desafios, ao mesmo tempo em que se busca consolidar em definitivo o mestrado acadêmico no País e ampliar o número de linhas de pesquisa. Essas estão entre as estratégias determinantes para atrair diferentes propostas de investigação para esta Universidade.

“É um processo de contínuo crescimento: se há docentes qualificados, é possível expandir a oferta. Hoje, são abertas cerca de 20 oportunidades para o mestrado e outras cinco para o doutorado”, informa a professora Juliana Miranda, ex-coordenadora do Programa, .

Na seleção, realizada em novembro de 2018, as provas foram aplicadas simultaneamente em 17 locais. No Amazonas, Humaitá, Itacoatiara, Coari, Parintins e Tabatinga tiveram locais de aplicação. Houve provas em cinco capitais do Norte (Belém-PA, Boa

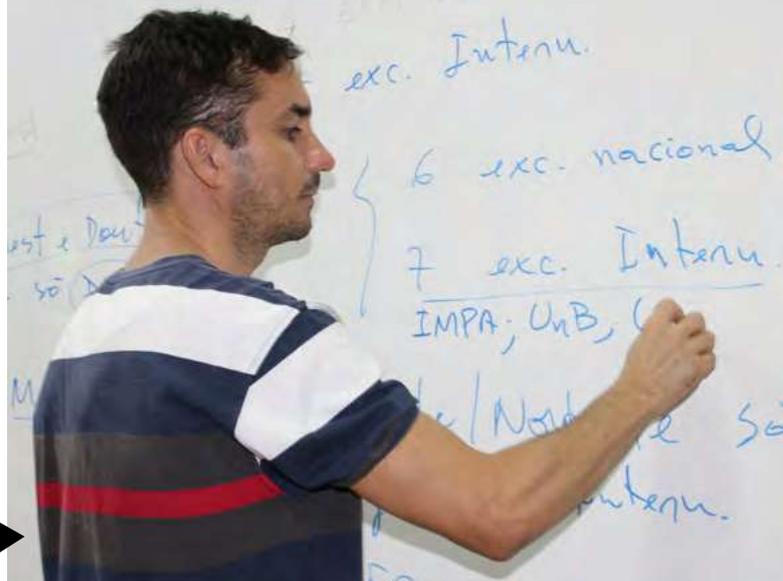
“Do quadro de egressos, destacam-se cinco com doutorados sanduíches, sendo que três estudaram na Alemanha, um no Chile e um na Itália. Desses contatos, queremos estabelecer relações mais duradouras e que proporcionem intercâmbio entre os pesquisadores da Ufam e das demais universidades, trazendo estudantes de lá para ao Amazonas e vice-versa”

Professora Juliana Miranda, ex-coordenadora do PPGM



▲ Professor Tribuzy, um dos precursores da Matemática na região Norte

Para o pós-doutor pelo Journal of Differential Geometry da Lehigh University (EUA), maior centro mundial de estudos em Geometria, a Matemática tem ganhado mais espaço no Brasil



Vista-RR, Macapá-AP, Porto Velho-RO, Rio Branco-AC), Juazeiro do Norte-CE, Santo André-SP e Rio de Janeiro-RJ. No exterior, Medellín, Bogotá, Pasto e Chia, todas essas cidades colombianas, também funcionaram como locais de prova para ingresso no PPGM.

Qualificação

Atualmente, o PPG tem quadro discente com cerca de 20 mestrandos e dez doutorados. A meta para os próximos anos inclui a internacionalização do Programa, tanto pela atuação de professores que tiveram experiências de doutorado e de pós-doutorado “sanduíche” em entidades estrangeiras quanto pelo fomento às parcerias interinstitucionais de interesse da Universidade e dos pesquisadores vinculados ao Programa.

Exemplo disso é o atual coordenador do PPG, professor José Nazareno, egresso do mestrado em Matemática da Ufam, que cumpriu estágio pós-doutoral na Lehigh University, localizada na

Pensilvânia, nos Estados Unidos. Em agosto de 2017, o docente entrou para o rol de membros da Academia Brasileira de Ciências (ABC), ao lado de outros cinco doutores da região Norte.

Ele está otimista quanto ao reconhecimento da Matemática no Brasil, vislumbrando que esse conhecimento milenar seja cada vez mais valorizado. O coordenador explica que, a partir do compartilhamento das experiências no âmbito do Programa, será possível mudar a cultura de como se vê a matemática profissionalmente. “Nos Estados Unidos, por exemplo, o profissional é considerado de alto nível no mercado. A partir da publicação de artigos e com a formação de doutores, nosso objetivo é estar no grupo seletivo em breve, junto com as principais instituições de pesquisa do Brasil”, completa o professor José Nazareno.

“Três professores do quadro fizeram parte do doutorado na Alemanha, um foi para o Chile e uma estudou na Itália. Desses contatos, queremos estabelecer relações mais duradouras,



trazer estudantes de lá e vice-versa. Também há docentes estrangeiros na Matemática, e esse é outro fator de aproximação, além daqueles que cursam pós-doutorado no exterior”, observa a professora Juliana Miranda.

“A maioria dos professores tem qualificação em importantes universidades do Brasil e do mundo. São renomadas instituições de ensino que possibilitam a consolidação da Matemática não somente como disciplina específica, mas aplicada em todas as áreas do conhecimento. O estudo da Matemática possibilita que o profissional atue em áreas econômicas, financeiras, tecnológicas, na docência, entre outras”, completa o jovem pós-doutor, cujo primeiro pós-doutorado ocorreu em 2015, no IME/USP, e o segundo, em 2017, no Journal of Differential Geometry da Lehigh University (EUA), o maior centro de estudos em geometria do mundo.

O diferencial de se ter um quadro docente qualificado e uma pós-graduação consolidada na própria Ufam é que os discentes já têm contato com a pesquisa desde a graduação, por meio da Iniciação Científica. Como resultado, eles já são direcionados para a pós-graduação na área de atuação dos respectivos orientadores, seja Matemática Pura ou Aplicada.

“As atividades são abertas à comunidade acadêmica, mas atuamos principalmente para direcionar os futuros pós-graduandos na área mais conveniente aos seus anseios profissionais e pessoais, seja por Estatística, Matemática Pura, Matemática Aplicada, ou outras, com ligação interdisciplinar aos assuntos aprendidos durante a sua inserção na pesquisa científica”, explica a professora Juliana Miranda.

Os egressos suprem uma demanda crescente por profissionais de ensino superior nos setores público e privados do estado e da Região. Outros continuam seus estudos de pós-graduação cursan-



Prof. José Nazareno Gomes

Pós-doutor em Matemática e coordenador do PPGM

Em 1996, o professor José Nazareno graduou-se em Matemática pela Universidade Federal do Pará (UFPA), ingressando na Ufam no ano de 2010, como docente de carreira do Departamento de Matemática do Instituto de Ciências Exatas (DM/ICE). Antes disso, em 2005, foi aluno especial do PPGM, e, no ano seguinte, ingressou como discente regular do Programa. Após receber o diploma de mestre, ele atuou por um ano na monitoria das disciplinas Geometria Diferencial e Análise Real. Em 2008, iniciou o doutorado do Programa de Pós-Graduação em Matemática da Universidade Federal do Ceará (PPGM/UFC), por meio do “Projeto Casadinho”, cuja finalidade é o intercâmbio entre as duas Universidades. No mesmo ano em que concluiu o curso, 2012, tornou-se colaborador do PPGM e formou o primeiro doutor em Matemática da Ufam, o professor Raul Mesquita. Desde então, realizou dois pós-doutorados e passou a integrar a Academia Brasileira de Ciências (ABC) como membro afiliado em 2017.



do doutorado em programas de excelente nível, retornando para contribuir em seus estados de origem, onde passam a atuar como docentes e pesquisadores.

“Do quadro de egressos, destacam-se cinco com doutorados sanduíches, sendo que três estudaram na Alemanha, um no Chile e um na Itália. Desses contatos, queremos estabelecer relações mais duradouras e que proporcionem intercâmbio entre os pesquisadores da Ufam e das demais universidades, trazendo estudantes de lá para o Amazonas e vice-versa. Destaca-se ainda a presença de docentes estrangeiros na Matemática, e esse é outro fator de aproximação, além dos que cursam pós-doutorado fora, como o professor José Nazareno, cujo vínculo foi estabelecido com a Universidade de Lehigh, na Pensilvânia (EUA)”, analisa e ex-coordenadora do PPG.

Segundo a professora, já é possível perceber a transformação no contexto regional: “Muitos egressos são professores do nosso quadro e al-

guns trabalham em universidades particulares da região, somente para citar dois importantes nichos. Existem aqueles que retornaram aos seus estados de origem, como Acre e Roraima, ou que atuam no interior do Amazonas, em *campi* da Ufam ou da UEA. Também já tivemos uma cooperação no Acre, onde foram formados quatro mestres no Minter [Mestrado Interinstitucional] realizado com a UFAC”.

Outros egressos continuaram seus estudos de doutorado ou pós-doutorado em instituições de reconhecida excelência nacional ou internacional, como o Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa), a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o Instituto de Matemática e Estatística da USP (IME-USP), o Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da USP São Carlos (ICMC-USP São Carlos), a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal do Ceará (UFC), a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), o Instituto Alberto

Professora Juliana Miranda passou dois anos à frente do PPGM e revela que a expectativa da nova equipe de gestores é expandir as parcerias interinstitucionais e a internacionalização



Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE), da Universidade Federal do Rio de

Janeiro (UFRJ), e noutros institutos da própria Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Mais de 100 mestres

O PPG, que está entre os veteranos da Instituição, alcançou, ainda no ano de 2017, a sua centésima defesa de dissertação. O mestre número cem em Matemática foi Vinícius Bandeira, com o trabalho ‘Diferenciabilidade dos autovalores de operadores uniformemente elípticos, de segunda ordem em domínios regulares e não regulares’. A dedicação resultou numa série de elogios ao trabalho. “Fiz e refiz os cálculos centenas de vezes”, brinca o egresso.

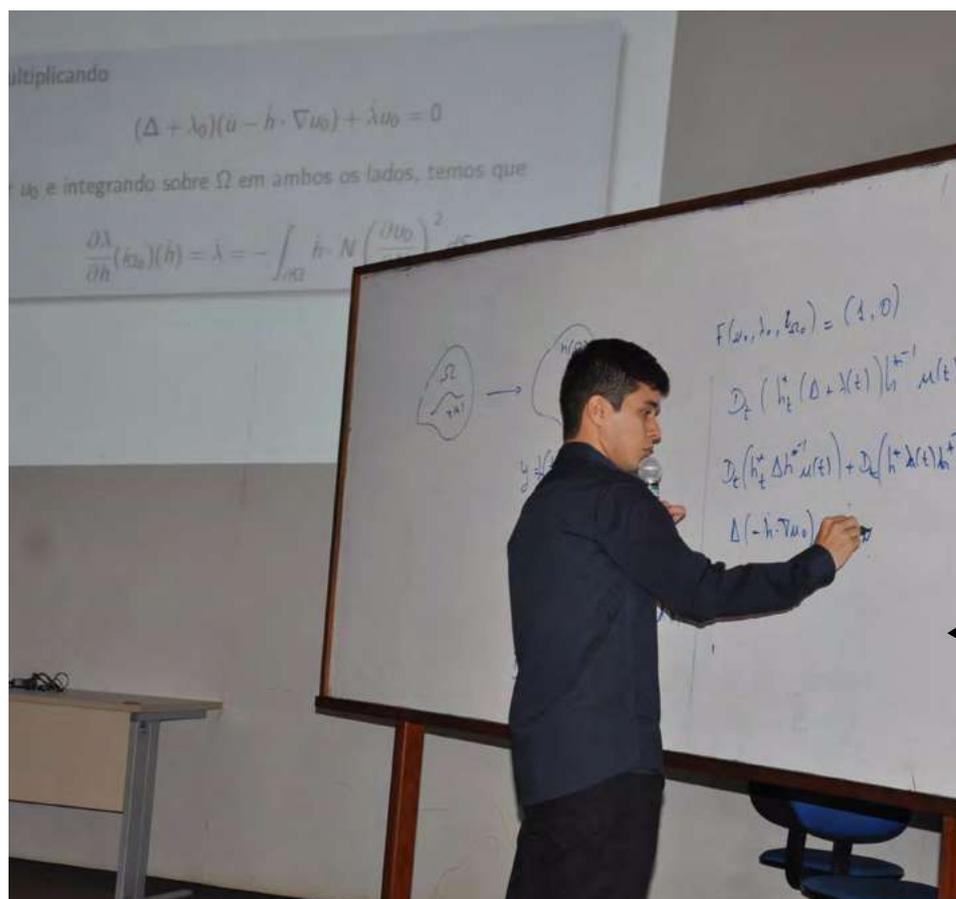
O jovem reconhece o importante papel da pesquisa científica no nível desenvolvido por ele, cuja aplicação é direcionada aos problemas oriundos da Física.

“Na verdade, foi uma investigação abstrata, com uma aplicabilidade que se mostra eficaz para solucionar questões enfrentadas pelos físicos”, argumenta ele, que pretende seguir a formação acadêmica com doutorado e pós-doutorado, avançando na comparação de técnicas matemáticas.

O orientador, professor Marcus Marrocos, orgulha-se: “O trabalho engrandeceu muito a nossa centésima defesa. Eu fico feliz que tenha sido esse tema!”. Cada dissertação, segundo ele, representa um salto de qualidade para o Programa e uma forma de agregar valor aos estudos teóricos e aplicados desta que é ‘a ciência das ciências’.

“Minha dissertação foi na área de Geometria, mas acabei seguindo os estudos em Matemática Aplicada. Vejo isso com boa expectativa, porque cada vez mais áreas estão se fortalecendo e assim o Programa se consolida”

Professora Flávia Morgana, primeira egressa do PPGM e atual vice-coordenadora do Programa



◀ Vinícius Bandeira defendeu a dissertação de número 100 em setembro de 2017. “Fiz e refiz os cálculos centenas de vezes”, revela o pesquisador



Hoje professora do Departamento de Matemática do ICE na graduação e vice-coordenadora do PPGM, a primeira egressa do mestrado foi Flávia Morgana. Embalada pelo simbolismo do feito, a professora Morgana revela a satisfação de ter iniciado um ciclo de qualificação que só tende a crescer. “A minha dissertação foi na área de Geometria, mas acabei seguindo os estudos em Matemática Aplicada. Vejo isso com boa expectativa, porque cada vez mais áreas estão se fortalecendo e o Programa se consolidando dia após dia”, comemora.

Florescer

A pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, professora Selma Baçal, avalia as contribuições inéditas trazidas pelo fomento à pesquisa em Matemática no sentido de fortalecer a área na região Norte. “Ganha a Ufam, ganham a sociedade amazonense e os pesquisadores do Programa. Conseguimos demonstrar, nessas duas décadas, que é possível a consolidação crescente da nossa pós-graduação, e a Matemática é estratégica nesse contexto”, ressalta.

Na última avaliação da Capes, o PPG conquistou o patamar de excelência nacional, mantendo a nota quatro. O desafio agora é avançar ainda mais em qualidade, atestando a liderança entre as pós-graduações em Matemática da região. Não é uma tarefa fácil – como reconhecem os novos e antigos entusiastas matemáticos, mas, sem dúvida, exequível.

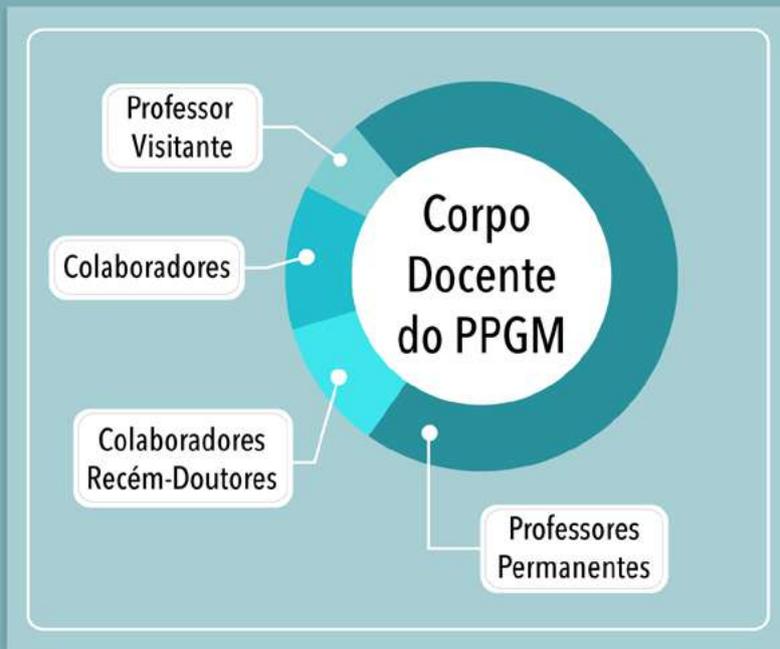


Foto 1: Pós-graduandos do PPGM-Ufam;
Foto 2: Primeira Defesa de Doutorado, do professor Raul Rabello, no dia 11 de julho de 2014;

Foto 3: Os egressos suprem uma demanda crescente por profissionais de ensino superior nos setores públicos e privados da Região, consolidando a pesquisa na área;

Foto 4: Quarta Defesa de Doutorado, da Juliana Miranda, no dia 31 de março de 2015.

ATUAÇÃO NO EXTERIOR



● Renato de Azevedo Tribuzy

Pesquisas em parceria na Universidade de Lisboa - Portugal, na Universidade de Augsburg - Alemanha e na Università Degli Studi di Milano - Itália.

● José Nazareno Vieira Gomes

Pós-doutorado no Instituto de Matemática e Estatística (IME-USP), em 2015, e parceria em orientação de tese na Università Degli Studi di Milano - Itália.

● Kelly Karina Santos

Estágio doutoral na Universidade de Augsburg - Alemanha.

● Kelly Alves Marães

Estágio doutoral na Universidade de Colônia - Alemanha.

● Juliana F. Ribeiro de Miranda

Estágio doutoral na Università Degli Studi di Milano - Itália.

● Francisco Eteval da S. Feitosa

Estágio de Pesquisa na Universidade de Colônia - Alemanha.

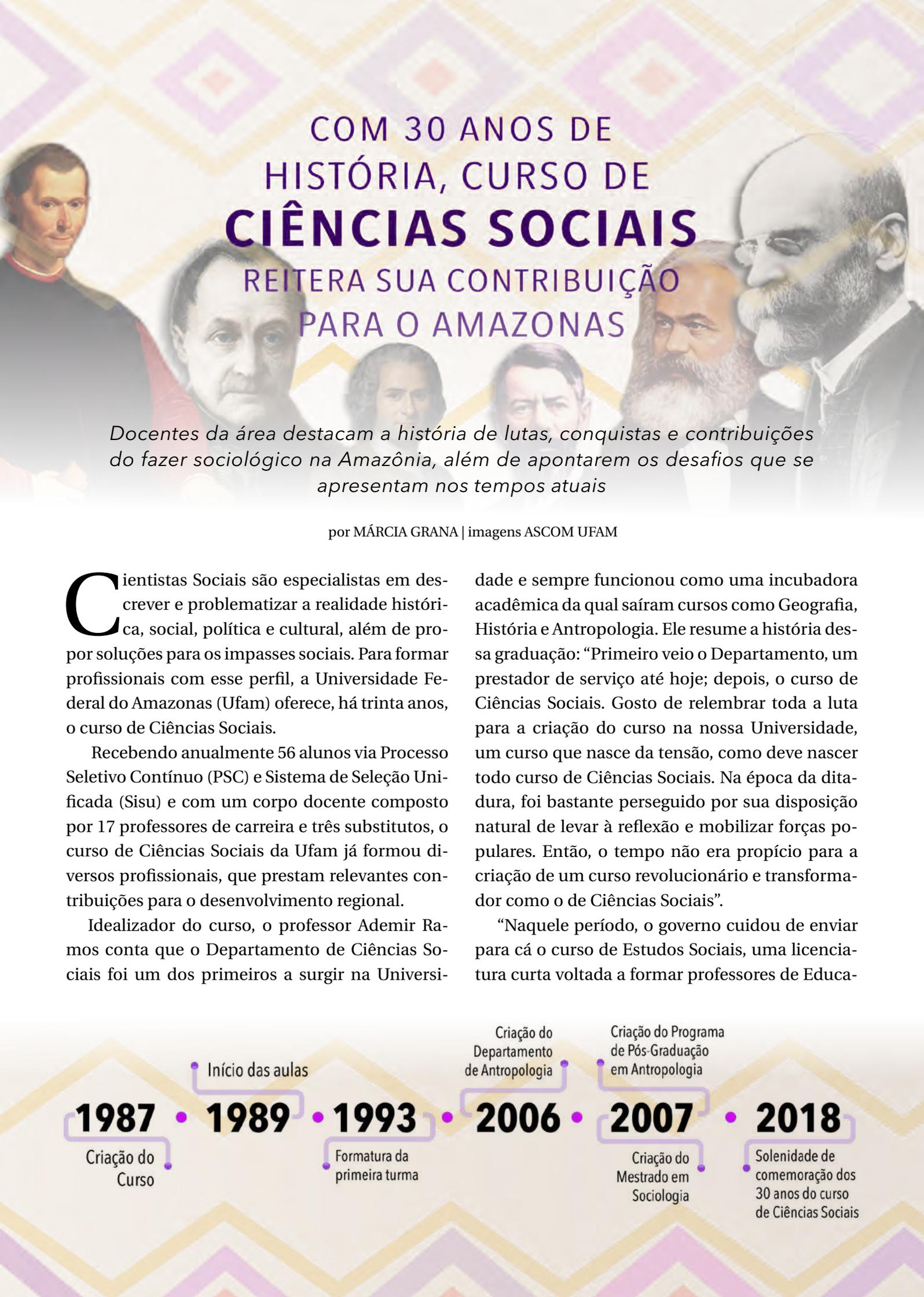
● Cícero Augusto M. Cavalcante

Pós-doutorado na Universität zu Lübeck - Alemanha.

● Flávia Morgana de O. Jacinto

Pós-doutorado na Espanha, em 2014, e parceria em trabalhos de pesquisa na Universidade de Barcelona - Espanha.





COM 30 ANOS DE HISTÓRIA, CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS REITERA SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O AMAZONAS

Docentes da área destacam a história de lutas, conquistas e contribuições do fazer sociológico na Amazônia, além de apontarem os desafios que se apresentam nos tempos atuais

por MÁRCIA GRANA | imagens ASCOM UFAM

Cientistas Sociais são especialistas em descrever e problematizar a realidade histórica, social, política e cultural, além de propor soluções para os impasses sociais. Para formar profissionais com esse perfil, a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) oferece, há trinta anos, o curso de Ciências Sociais.

Recebendo anualmente 56 alunos via Processo Seletivo Contínuo (PSC) e Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e com um corpo docente composto por 17 professores de carreira e três substitutos, o curso de Ciências Sociais da Ufam já formou diversos profissionais, que prestam relevantes contribuições para o desenvolvimento regional.

Idealizador do curso, o professor Ademir Ramos conta que o Departamento de Ciências Sociais foi um dos primeiros a surgir na Universi-

dade e sempre funcionou como uma incubadora acadêmica da qual saíram cursos como Geografia, História e Antropologia. Ele resume a história dessa graduação: “Primeiro veio o Departamento, um prestador de serviço até hoje; depois, o curso de Ciências Sociais. Gosto de lembrar toda a luta para a criação do curso na nossa Universidade, um curso que nasce da tensão, como deve nascer todo curso de Ciências Sociais. Na época da ditadura, foi bastante perseguido por sua disposição natural de levar à reflexão e mobilizar forças populares. Então, o tempo não era propício para a criação de um curso revolucionário e transformador como o de Ciências Sociais”.

“Naquele período, o governo cuidou de enviar para cá o curso de Estudos Sociais, uma licenciatura curta voltada a formar professores de Educa-

1987

Criação do Curso

1989

Início das aulas

1993

Formatura da primeira turma

2006

Criação do Departamento de Antropologia

2007

Criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Criação do Mestrado em Sociologia

2018

Solenidade de comemoração dos 30 anos do curso de Ciências Sociais



Corpo docente, discente e técnicos do Departamento de Ciências Sociais

ção Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Os professores formados em Estudos Sociais atuavam para propagar um discurso alinhado ao regime vigente. Também naquele contexto que vários professores ingressaram no Departamento de Ciências Sociais sem concurso, pois bastava ter a anuência dos militares para se ingressar na Universidade. Eles não faziam mestrado ou doutorado. Apenas cursavam a Escola Superior de Guerra e voltavam promovidos na carreira acadêmica”, relembra o docente.

Em 1987, após se tornar chefe do Departamento, o professor Ademir e demais colegas do Departamento se articularam para

a criação do curso de Ciências Sociais. “Quando eu me tornei chefe do Departamento, começamos a discussão coletiva de construir o Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Sociais, centrado no Bacharelado e na Licenciatura. A professora Izabel Vale coordenou isso muito bem, juntamente com as professoras Heloísa Lara e Regina Nakamura. Elaboramos o projeto; conseguimos suspender o curso de Estudos Sociais; aproveitamos que, na época, a Petrobrás havia firmado um convênio com a Universidade para oferecer cursos de Química e fizemos a proposta da criação do curso de Ciências Sociais, o qual, depois de muita luta, foi criado”, completa o professor José Ademir.

“Naquela época, foi preciso vencer muitos boicotes e resistências, mas o curso foi criado e é um grande prestador de serviço para a sociedade brasileira”

Professor Ademir Ramos, idealizador do curso de Ciências Sociais da Ufam



Professor José Ademir Ramos

“As disciplinas trabalhadas no curso de Ciências Sociais são extremamente importantes, principalmente nessa época tão marcada pela carência de pensamento crítico”

Professor Luiz Fernando de Souza Santos, chefe do departamento do curso

Protagonismo político

Egresso da graduação e atual chefe do Departamento, o professor Luiz Fernando de Souza Santos destaca a importância do curso de Ciências Sociais na atualidade, um período que considera carente de pensamento crítico.

Ele foi da terceira turma de Ciências Sociais. "Foi esse curso, nascido da vertente do pensamento crítico, que me deu condições de fazer o mestrado, o doutorado e também de me preparar para a carreira docente", afirma ele.



A Chefia de Departamento acompanha as atividades acadêmicas da graduação

Presença na mídia e contribuições

Um dos intelectuais mais requisitados pelos meios de comunicação de massa, o professor Luiz Antônio Nascimento de Souza associa a frequência com que os cientistas sociais são demandados para comentar assuntos do cotidiano à capacidade de visão de conjunto que todo cientista social é formado para ter. "Em relação à contribuição para a mídia, nacional, inclusive, como jornais do Ceará, de Sergipe, do Recife e de São Paulo, eu digo que o nosso fazer profissional nos permite olhar para a realidade social de uma forma crítica, plural e não apenas local e isolada. Além disso, eu acredito que, como somos servidores públicos, produzimos o co-

nhecimento com recurso público, ao passo que dar retorno por meio da mídia significa prestar contas à sociedade. A ideia é provocar e fazer com que a população pense criticamente sobre aquele problema que comentamos, pois nós, das Ciências Sociais, submetemos ao tensionamento tudo aquilo que parece ser verdade", destaca o docente.

Ele também ressalta o papel do cientista social para evitar a naturalização das coisas. "As pessoas costumam dizer: Ah! É assim mesmo. Sempre foi assim... de modo que o nosso papel de cientista social é de intervir, pois todas as coisas têm razão de ser. Então, acredito que nosso papel na

“O curso da Ufam surgiu vinculado ao melhor da tradição das Ciências Sociais no Brasil e, claramente, tem um projeto de desenvolvimento para a nação, a partir do ponto de vista das classes mais subalternas. Sempre houve a perspectiva de pensar o desenvolvimento do Estado e da região, tanto é que, desde os primeiros projetos de pesquisa, já se abordava a Zona Franca de Manaus e o lugar da Amazônia perante o fenômeno da globalização, o que tem a ver com o desenvolvimento do Amazonas, do Brasil e do mundo”, afirma o professor Luiz Fernando.

“Como professor de disciplinas como Método de Pesquisa e Teoria Sociológica, gosto muito de trabalhar a questão do pensamento social brasileiro, principalmente nesse momento tão preocupante para o pensamento crítico. Imagine um curso da natureza das Ciências Sociais na época do *Twitter*, que delimita nosso espaço de reflexão a 240 caracteres, enquanto a arguição sociológica exige que o pensamento vá de um ponto a outro, desenvolvendo argumentos, apontando hipóteses até tirar conclusões que nunca são definitivas, mas conjunturais, e que ajudam a compreender melhor o mundo”, avalia o docente.

imprensa é dizer para a sociedade porque as coisas estão como estão e como elas poderiam ser diferentes. É por essa capacidade tão impressionante que cientistas sociais, além de ocuparem espaço na docência pública e privada, estão em órgãos de Governo, em Organizações não governamentais. O professor Gilson esteve no Governo do Estado; eu, no Governo Federal; o professor Ademir Ramos, na Secretaria Executiva Extraordinária do Governo do Amazonas; a professora Kátia Helena Schweickardt está à frente da Secretaria Municipal de Educação (Semed). Temos uma história de contribuição para o desenvolvimento do Amazonas. Esse é um aspecto importantíssimo”, conclui o professor Luiz Antônio Nascimento, a respeito da atuação dos docentes na efetivação de políticas públicas.



Professora Marilene Corrêa

Docente Associada III da Ufam, ex-reitora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e ex-presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA)

“Embora minha graduação tenha sido em Serviço Social, meu mestrado, doutorado e pós-doutorado foram em Ciências Sociais. Ao entrar no Departamento de Ciências Sociais, em 1979, eu me vi lançada nessa dimensão de intervenção cultural”, comenta a docente.

“No departamento, nós estávamos em um ambiente em que se criticava a ditadura; levantando argumentos em torno do processo de democratização, com várias tradições de esquerda que haviam ficado para trás e a emergência do Partido dos Trabalhadores (PT) como uma entidade que, de certa forma, simbolizava o novo e as inúmeras preocupações da sociedade, e eu destaco a compreensão dos problemas sociais mais amplos também como um importante aspecto de nossa atuação. O outro aspecto é a dimensão do compromisso propriamente dito com uma universidade democrática, popular e amazônica. Essa noção de universidade que é, ao mesmo tempo, universal e regional é uma dimensão que nós criamos; que nós, intelectuais, refletimos, à luz, inclusive, de um conceito dialético do singular e do universal. Hoje isso parece algo legitimado, parece que é uma coisa que todo mundo compreende, mas não era algo compreensível no final dos anos 1970 e no início dos anos 1980 em pleno processo de movimentos sociais e de lutas.

PPGS, ampliação do saber sociológico

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, o professor Marcelo Seráfico aponta a criação do Mestrado em Sociologia como um marco importante nessa trajetória de três décadas. “Para os cientistas sociais graduados e dispostos a continuar seus estudos, há o Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Eu considero a criação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) um momento de grande destaque nesta história de 30 anos por oportunizar aos cientistas sociais graduados a continuação dos estudos, embora eles já contassem com a Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia para seguir com os estudos ou possam ingressar também no Pro-



Público participante da comemoração dos 30 anos do curso

grama de Pós-Graduação em Antropologia Social, para quem pretende se especializar na área da Antropologia. O nosso mestrado em Sociologia já formou mais de 80 mestres e tem uma produção em vários campos dentro de três linhas de pesquisa, o que tem significado uma ampliação do saber sociológico sobre a região amazônica, mas também sobre temas que transcendem a Amazônia, ainda que estejam inseridos num diálogo mais geral das Ciências Sociais como questões teóricas”, afirma o coordenador.

Ele destaca alguns trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. “Temos o trabalho, por exemplo, da aluna Anne Marcelle, que fez uma dissertação sobre as alterações

na legislação do trabalho. Ela defendeu há pouco mais de dois anos e estabelece uma comparação entre aquilo que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) define como um trabalho decente e as alterações na legislação que estão ocorrendo no Brasil. Ou seja, ela mostra a inadequação dessas alterações e nós temos acompanhado isso diariamente. Há outros alunos que têm estudado, por exemplo, a obra do Milton Hatoum. Há trabalhos também pensando temas como violência, gênero e questões relacionadas ao meio ambiente”, exemplifica o professor Seráfico.

Segundo ele, o curso procura dar conta de desafios que se colocam em termos regionais, o que se relaciona ao *modus* como a Amazônia ou o pensamento social brasileiro interpretam a região e de que modo os pensadores locais vêm interpretando os fenômenos locais, regionais e mundiais a fim de estabelecer uma orientação comparativa e articulada. “Significa dizer que muito do que acontece aqui se articula com o que se passa no resto do mundo. Eu penso que o Programa tem dado contribuição substantiva para o conhecimento da sociedade amazônica e ele não existiria se não fosse a graduação; os PIBICs; as semanas de Ciências Sociais e a possibilidade de os professores saírem para se aperfeiçoar e voltar. A graduação é a base sem a qual o resto dificilmente se construiria”, analisa o coordenador.

Ao completar 30 anos, o curso passou por uma reformulação. “Em seus dez anos, o curso teve sua primeira grande mudança. Agora, passa por mais uma. Nessa nova estrutura, damos destaque aos desafios de fazer pesquisa em Ciências Sociais na Amazônia e no Brasil. Temos um cenário com muitas teorias produzidas recentemente na área de Humanas e o curso precisa se apropriar dessas novas formas de pensamento, das ferramentas e das tecnologias. Temos um mundo muito interessante em termos de dados e entendemos que o cientista social precisa acompanhar essa Era da Informação. Essa reformulação procura formar um pesquisador atento à era da modernidade, embora isso sempre tenha estado presente. Além disso, pretendemos oferecer a Licen-

ciatura em Ciências Sociais no turno noturno”, comenta o professor Tiago Jacaúna, atual coordenador da graduação em Ciências Sociais.

Reflexões e experiências

Em novembro de 2018, docentes, discentes e técnico-administrativos em Educação do curso promoveram programação especial para comemorar os trinta anos de atividade. As comemorações foram realizadas na abertura da XII Semana de Ciências Sociais, que teve como tema “30 anos de Ciências Sociais na Ufam: reflexões e experiências”. Os professores Almir Menezes, Marilene Corrêa e Marco Aurélio Paiva compuseram a mesa de honra da solenidade e refletiram sobre as conquistas e os desafios ao longo dessas três décadas.

Na ocasião, a professora Marilene Corrêa ressaltou as ameaças que os tempos atuais têm direcionado ao pensamento crítico. “Eu não sei se vocês percebem, mas a institucionalidade das Ciências Sociais está sendo colocada em xeque e o pensamento crítico corre o risco de ser banido da inteligência da Universidade. Sim, o pensamento crítico passará a ser uma mercadoria rara nos tempos atuais”, declarou a docente durante o evento.

O professor Marco Aurélio Paiva afirmou que todo cientista social deve manter a agudeza do pensamento crítico. “Um curso de Ciências Sociais deve primar por reflexões políticas e é necessário aprofundar o processo de crítica, pois não existe cientista social em estado de conforto. O cientista social tem que conseguir enxergar os problemas do mundo. Portanto, aviso aos senhores, nossos alunos, que a formação em Ciências Sociais não acaba nunca, pois é preciso manter a agudeza do pensamento crítico, o desconforto com a realidade. Temos a capacidade de manter a realidade como problema e aguçar essa criticidade”, afirmou o professor, ao enfatizar que, ao longo desses trinta anos, vários egressos de Ciências Sociais estão em posição de destaque no mercado de trabalho.

Diretor do Departamento de Acompanhamento e Avaliação das Ações de Extensão Universitária, o professor Almir de Oliveira Menezes fez alusão ao pen-

samento de grandes nomes da Sociologia. “Durkheim estava com a mais completa razão ao perceber que é impossível pensarmos o processo democrático sem aproximar o Estado da Sociedade. De repente, numa alusão a Michel Foucault, em relação a Roland Barthes, eu gostaria de falar sobre a questão do poder, a questão do saber e a importância da semiologia no processo de construção do estruturalismo francês. Talvez pudéssemos abordar a conferência do professor Max Weber, a denominada Ciência como vocação, na qual, diante de uma plateia de estudantes de Ciências Sociais, de Economia e de Direito a questão que se colocava era de que maneira as ciências sociais, humanas e do espírito poderiam intervir na



Professor Marco Aurélio Paiva na XVII Semana de Ciências Sociais. Paiva proferiu seu discurso no evento

realidade cansativa do sonolento povo alemão. Portanto, talvez aquilo a que vocês aspiram diante do cenário político social pelo qual estamos passando não possa ser alcançado de imediato, mas construído coletivamente, pensando as Ciências Sociais na Amazônia e no Brasil”, ressaltou.

A programação da XII Semana de Ciências Sociais - “30 anos de Ciências Sociais na Ufam: reflexões e experiências” envolveu um simpósio de Ciências Sociais, cinco mesas redondas e três minicursos. O evento ocorreu no auditório Rio Negro, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS), e no auditório Rio Jatapú, da Faculdade de Educação (Faced).



DE DESENHO INDUSTRIAL A **DESIGN**: A GRADUAÇÃO QUE SE REINVENTA HÁ 30 ANOS

DeSiGn

Primeiro curso da região Norte, a graduação em Design se reinventa ao preparar profissionais cada vez mais completos. Uma das novidades é o Mestrado Profissional, criado em 2017

por CRISTIANE SOUZA | imagens ASCOM UFAM

O Design utiliza-se dos conhecimentos da arte para construção e embasamento dos aspectos estéticos e formais de seus projetos, contudo, visa à produção industrial, diferente da arte. Foi no ímpeto de atender ao crescente mercado da indústria que surgiu o curso de Desenho Industrial da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em agosto de 1987. Hoje, três décadas depois, a maturidade permitiu, inclusive, que fosse criada a pós-graduação em 2017.

Mas, antes de conhecer as conquistas da Universidade e da região nessa área, é preciso lembrar como iniciou a história do Design no Amazonas. Essa trajetória começou nos anos 1980, por influência do professor Lynaldo Cavalcanti

de Albuquerque, que já havia sido reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O pesquisador veio a Manaus para elaborar um Plano Estratégico de Educação, Ciência e Tecnologia para a Amazônia, mas ele foi além.

Com uma equipe formada pelos designers Eduardo Barroso e Alceu Castelo Branco, o professor Albuquerque implantou o Núcleo de Design apoiado pela Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi). O grupo, então, propôs que fosse criado um curso superior nessa área, desafio que foi aceito pela então Universidade do Amazonas.



Como resultado, a graduação em Desenho Industrial foi criada em 1987, e a primeira turma ingressou no ano seguinte, com 20 estudantes e a forte inclinação para atender às empresas do Distrito Industrial (DI). A professora Patrícia Braga é docente do curso desde 2004 e já foi coordenadora do bacharelado por três vezes. Hoje, ela recorda com orgulho que esse foi o primeiro curso de Design criado no Norte do País.

Inicialmente, professores de Engenharia Elétrica e Engenharia Civil colaboraram com a formação acadêmica por ainda ser insuficiente o número de designers no Amazonas. “Desde o início, a graduação esteve alocada na Faculdade de Tecnologia (FT), devido ao seu modelo ser puramente mercadológico”, ressalta a professora Patrícia Braga. O perfil, entretanto, já sofreu importantes alterações nessas três décadas, embora sempre vinculado à mesma Unidade Acadêmica.

“Depois de ter passado ajustes na grade curricular, a meta agora é melhorar a qualidade do curso, sobretudo, no quesito pedagógico”, diz a coordenadora, professora Sheila Mota. “A coordenação encontra estratégias

para alcançar as melhores notas no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), que integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), uma prova realizada a cada três anos com o objetivo de avaliar o desempenho estudantil com relação aos conteúdos programáticos específicos, assim como temas de conhecimentos gerais”, esclarece a docente.

No último exame, a graduação recebeu nota cinco, a maior da avaliação. Segundo a professora Sheila Mota, o segredo para ter resultados tão importantes para a Universidade é a proximidade dos alunos com a realidade do mercado de trabalho. “Nossos egressos são habilitados a criar produtos, na indústria e na produção gráfica. Em linhas gerais, tudo o que envolve aspectos gráficos por meio digital ou impresso. Então, eu acho que o Curso de Design é bem holístico, universalista. Esse é um entendimento de uma tendência natural em todas as universidades de Design do mundo, comenta a coordenadora do bacharelado.

“Estamos formando profissionais completos, cuja habilitação engloba produtos, produção visual e interface digital, todas unificadas”

Ex-Diretora da FT e docente do curso, professora Patrícia dos Santos

Transformações

Em 2013, o livro ‘Design Ufam 25 anos’ apresentou a trajetória de mestres, técnicos e alunos que ajudaram a construir a própria história do Design no Amazonas. O livro revela, sobretudo, as transformações pelas quais o curso passou no intuito de se alinhar às expectativas do mercado e de aproximar a formação acadêmica do perfil profissional exigido dos egressos.

Foto 1: Professora Franciane Falcão em aula com a Professora Vânia Batalha. Foto 2: Professoras Vânia Batalha e Patrícia Braga em turma do curso de Design. Foto 3: Professor Gean Lima com os colegas Irlene e Ronaldo



REGISTROS DE PROPRIEDADE INTELECTUAL NA PROTEC

- Pedido de patente para equipamento de torrefação de farinhas com uso de matriz energética por combustão limpa - Professora Sheila Mota, coord. do curso.
- Registro de Desenho Industrial de mobiliário escolar - Prof. Fábio Máximo.
- Modelo de utilidade para carro de transporte de componentes eletrônicos do Ceteli (Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Tecnologia Eletrônica e da Informação) - Participação de discentes do curso de Design.
- Pedido de patente para placa obtida a partir da fibra de semente do açaí - Professora Magnólia Quirino.
- Modelo de utilidade de sistema de grampo sutura bioabsorvível - Egressa Thaís Obando
- Registro de modelo de utilidade para estação de processamento de sementes oleaginosas - PET Design: professores Fábio Máximo, Nelson Kuwahara e Franciane Falcão.
- Registro do Software e da marca Lina Educa - egressa Alice Santos, professora Claudete Ruschival em Projeto Ufam/ Fapeam (Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas).

“Quando criado, Desenho Industrial formava em duas habilitações: programação visual e habilitação a projeto de produto. Em 2007, com a reforma da grade curricular e a adoção de padrões mais modernos, tornou-se Design, tendo o curso de Desenho Industrial encerrado dois anos depois”, recorda diretora da FT. Ela avaliou que a demanda industrial não se concretizou porque as empresas instaladas no Polo Industrial não possuíam setor de desenvolvimento de produtos, dedicando-se apenas ao acabamento das peças. Diante disso, a vocação do curso encaminhou-se para o segmento de produção visual.

Depois de revisitar suas bases, discentes e docentes mostram-se satisfeitos com o currículo que já completou dez anos em 2017. “O objetivo é bem claro quanto ao novo documento. Estamos formando profissionais completos, cuja habilitação engloba produtos, produção visual e interface digital, todas unificadas”, comemora a professora Patrícia Braga. Em suma, mudou-se o perfil para adequá-lo ao atual paradigma mercadológico, não mais pautado na indústria.

Outro aspecto relevante no atual currículo é a política de estágio e de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que prioriza o desenvolvimento de atividades nas áreas que mais absorvem os egressos. Segundo a docente, os graduandos têm encontrado mais oportunidades nas agências de publicidade, por exemplo. Essa questão também está ligada à [regulamentação profissional](#), que precisa ser encaminhada para possibilitar a atuação em outros setores.

Ao comparar o curso da Ufam a outros, em especial no Sul do País, a professora Patrícia dos Santos pondera: “O que difere é a absorção do profissional, porque lá ele segue para atuação de produtos, setor mais avançado no Sul. De resto, não deixamos nada a desejar. Hoje somos nota 4 no MEC... E já fomos 5 até

SAIBA MAIS

Regulamentação Profissional

No dia Mundial do Design Gráfico, 27 de abril, o Projeto de Lei 7520/2017 que regulamenta a profissão de Designer Gráfico no Brasil foi apresentado na Câmara dos Deputados. Em 2015, o PLC 24/2013, que tinha o mesmo objetivo, havia sido vetado.

2016, figurando como sexto melhor curso do Brasil. Eu atribuo esse resultado ao trabalho estratégico realizado entre os anos 2005 e 2006”. Além disso, o curso conquistou a nota 5 no Guia do Estudante de 2015 a 2017.

Desde pesquisas premiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (Fapeam) ao registro de patentes em produtos (ver informações no quadro), a contribuição do Design para a sociedade passa pelo encaminhamento de projetos com enfoque no reaproveitamento de resíduos, fibras, madeira e cerâmica, por exemplo. Os resultados são expostos em eventos institucionais na própria Ufam e apresentados em artigos científicos no Brasil e no exterior.

De olho nas parcerias nacionais e internacionais para fortalecer as frentes de pesquisa, inovação e qualificação docente, hoje o curso já possui convênios com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e a Universidade Politécnica de Valência, na Espanha.

Renovar & Inovar

Se, em 1992, a Ufam teve de promover um concurso público no Rio de Janeiro para captar profissionais formados em Design, é possível dizer que esse desafio foi plenamente superado. Atualmente, a Universidade é um dos locais de trabalho mais atrativos aos egressos que querem, por meio da docência, contribuir para a formação das futuras gerações.

Depois de acumular experiências no setor privado, já são sete os egressos da graduação que retornaram à Academia para lecionar. Com a renovação do quadro docente, hoje composto por profissionais da área, ganham fôlego projetos mais ousados, capazes de agregar valor não apenas na área teórica, mas, sobretudo, na pesquisa, na extensão e na inovação.

Os professores Cláudio Oliveira e Fábio Máximo puderam vivenciar o curso de duas perspectivas. O primeiro ingressou na Ufam em 2004, pelo Processo Seletivo Extramacro (PSE), conclui a graduação em 2010, retornando em 2013 para lecionar. Já o professor Máximo foi calouro na turma de 2000 e finalizou o curso em 2007. Três anos mais tarde, retornou como docente, depois de adquirir experiência no mercado especializado na criação de móveis.

Da inevitável comparação entre o tempo de graduandos e o que vivem hoje, como professores, ambos enfatizam a importância da visão empreendedora na área. “O forte investimento na educação, no período de 2008 a 2010, e a renovação dos



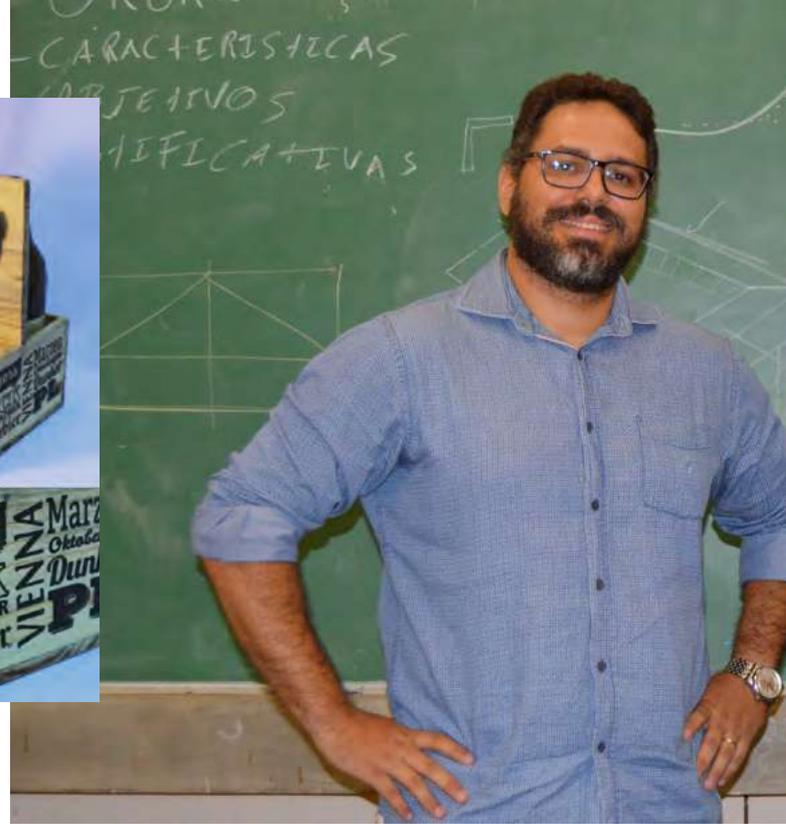
Professora Sheila Mota

Coordenadora do curso de Design da Ufam

“Historicamente, o Design surgiu em decorrência da Escola de Arte *Bauhaus* do século XX, criada pelo arquiteto Walter Gropius, em 1919, na Alemanha, que reunia vários profissionais como arquitetos, artistas, artesãos e pessoas ligadas à indústria. Quando esse conhecimento se tornou acadêmico, a partir da incorporação na área em termos científicos, passou a ser vinculado ao segmento tecnológico voltado mais à produção industrial [...]. No âmbito nacional – e como marco da vertente filosófica do movimento artístico – a Escola Superior de Desenho Industrial, curso de Design vinculado a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), criada em 1962, recebeu fortes influências da Bauhaus. Com o passar do tempo, criam-se cursos, noutras universidades brasileiras, moldados nas demandas locais e características culturais de cada região. Pernambuco, por exemplo, tem um curso cuja linha de pesquisa tange o aspecto da arte e da cultura. Já na Paraíba, a vertente da tecnologia está mais evidente. Aqui no Amazonas, estamos vinculados à Faculdade de Tecnologia, justamente porque este curso nasceu para atender a demanda do Polo Industrial de Manaus (PIM). Por isso, vertemos para a área tecnológica.”



Embalagem de transporte para cervejas artesanais a partir da reutilização de madeira de caixas de feira foi trabalho final do aluno Leandro Brandão



professores pela abertura de concursos públicos foram essenciais para a renovação do curso, o que trouxe mais oportunidades. A chegada dos técnicos [TAE] ajudou também nessa evolução, aumentando a quantidade de projetos de extensão”, declaram eles.

“Em Manaus o profissional de Design não tem muitas oportunidades, a não ser para trabalhar com editoração, não dando abertura a um perfil empreendedor. Buscamos promover eventos para consolidar o perfil empreendedor do designer”, complementam os docentes. Segundo eles, que já foram coordenador e vice da graduação, os acadêmicos têm hoje a oportunidade de vivenciar a formação superior de maneira produtiva.

“O aluno não precisa só de conhecimento teórico, mas de ser capacitado para mudar o mercado através da profissão, servindo não apenas de mão de obra, mas como agente transformador”, avaliam Oliveira e Máximo. Juntos, eles alimentam perfis do curso nas mídias sociais, com o objetivo de dar visibilidade às atividades acadêmicas que, segundo os docentes, não estão longe da prática do mercado; antes, pelo contrário, estão cada vez mais próximas.

Nas palavras da professora Sheila Mota “as modificações na cidade de Manaus, cujo mercado que mais absorve os egressos é o da tecnologia, ganham espaço os desenvolvedores de aplicativos para games, seja

para área gráfica, seja para a digital”. Ainda segundo a coordenadora, o projeto de Reformulação Curricular, em fase de conclusão, para ser implantado muito em breve. “Serão dois currículos em andamento, existirão novas disciplinas ou mesmo mudança de conteúdo de algumas delas”, adianta a docente.

Com um perfil atualizado conforme as tendências atuais, o bacharelado agrega em sua formação ramos como o Ecodesign e outras áreas de pesquisa que possibilitam a interdisciplinaridade, gerando intercâmbio de conhecimento. O avanço é impulsionado, sobretudo, pela qualificação do corpo docente em nível de doutorado, com reflexos na iniciação científica e nos projetos de extensão de impacto econômico, social e tecnológico. Nessa linha, o estágio supervisionado, seja obrigatório ou voluntário, também coloca o futuro profissional a par das demandas atuais, do mesmo modo que as experiências de organizar e participar de eventos científicos.

Foco no resultado

Por que um mestrado profissionalizante? A resposta para essa pergunta é o resultado de um detido processo que culminou na criação de uma pós-graduação mais voltada ao mercado. A formação é interdisciplinar e possibilita o enfoque na sustentabilidade, na criação de identidades visuais e na formulação de tecnologias de auxílio à saúde, por exemplo.



Foto acima: Aluna Geislayne em seu projeto de PIBIC.
Foto à esquerda: Professores Cláudio Oliveira e Fábio Máximo

O PPG é coordenador pela professora Karla Mazarelo. A expectativa é a de que os profissionais estejam aptos a desenvolver pesquisas e elaborar projetos em todas as vertentes do Design. Ainda segundo a docente, as dissertações devem ser aplicáveis de forma prática, resultando num produto ou num processo.

Na primeira seleção do PPG, com oferta de 15 vagas regulares e três suplementares, além de designers e desenhistas industriais, puderam concorrer graduados em áreas cuja relação se aproxima dos processos criativos e projetuais do Design, como Artes, Comunicação Social, Marketing, Arquitetura, Engenharias e Ciências da Computação. Na seleção seguinte, o perfil dos mestrandos continuou bastante eclético.

Os mestrandos desenvolvem suas investigações em duas linhas de pesquisa, sendo a primeira 'Design, comunicação e Gestão de projetos visuais' e a segunda é 'Design, sistemas de produtos e processos'. Ao inaugurar as atividades da pós-graduação, em 12 de setembro de 2017, o reitor, professor Sylvio Puga, enfatizou o potencial do curso para o Norte, ao assumir o papel estratégico e pioneiro que a graduação teve nos anos 1980. Já o vice-reitor, professor Jacob Cohen, destacou a valorização cultural e econômica agregada aos insumos regionais, especialmente quando estes são aprimorados pela tecnologia visual do Design.



Projeto de ilustração e diagramação de livro infantil para Doutorado em Enfermagem do aluno Diego Souza

PPGSCA COMEMORA 20 ANOS RESSALTANDO A INTERDISCIPLINARIDADE COMO MARCA FUNDAMENTAL

No domínio da interdisciplinaridade, o Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) é o mais antigo do Brasil.

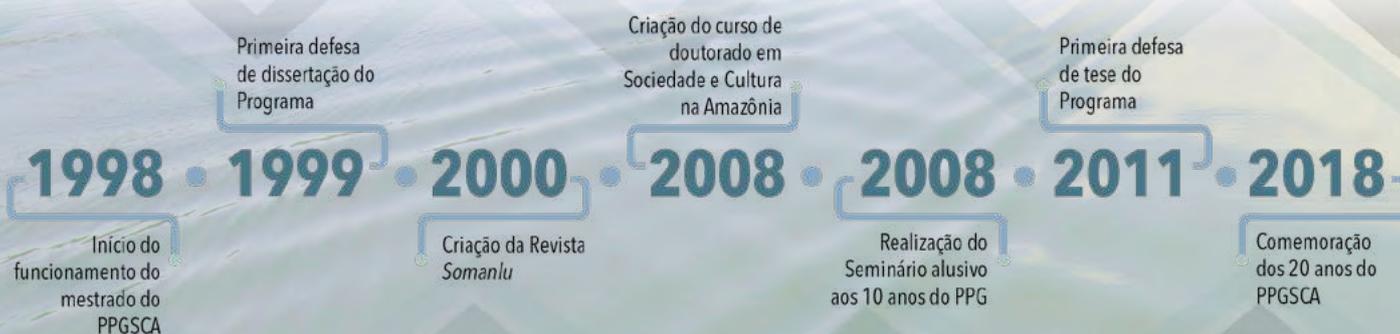
por MÁRCIA GRANA | imagens ASCOM UFAM

O impacto da fé na colonização da Amazônia; os falares fronteiriços no município de Benjamin Constant e o trabalho precário dos carreteiros da Feira Manaus Moderna são alguns dos temas abordados por teses e dissertações defendidas ao longo de 20 anos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA).

Criado em 1998, o PPGSCA é, no domínio da interdisciplinaridade, o programa de mestrado e doutorado mais antigo do Brasil. Iniciou apenas com o Mestrado e, em 2008, foi criado o seu doutorado. A coordenadora do PPGSCA, professora Iraildes Caldas Torres, destaca as principais contribuições do Programa para a região amazônica.

“O PPGSCA nasce de uma busca de pós-graduação na Amazônia. Havia uma demanda bastante elevada e reprimida. O cenário era o seguinte: ha-

via várias pessoas aqui do Amazonas que tinham feito vários cursos de graduação, mas não tinham pós-graduação. Ao mesmo tempo, vários professores aqui do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS), antigo ICHL, tinham ido fazer doutorado, e o fizeram em vários programas na PUC [Pontifícia Universidade Católica], na USP [Universidade de São Paulo], Unicamp [Universidade Estadual de Campinas], na UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Quando retornaram, esses professores compuseram um conjunto com formações multidisciplinares, e uma das medidas para absorver a demanda reprimida que tínhamos aqui foi a de oferecer um programa multidisciplinar. Naquele cenário surgiu o primeiro programa do mundo que tem a Amazônia como área de concentração e que faz pesquisa avançada com esse tema. Hoje já deve haver outros, mas



o nosso foi, sim, o primeiro”, relata a professora Iraíldes Caldas Torres.

Ela argumenta que a metodologia interdisciplinar permitiu que os temas fossem vistos sob os diversos olhares, seja do ponto de vista das religiões, da ciência política, da Antropologia, da História ou da Geografia. Mas não é só. Segundo a docente, já passaram pelo Programa pós-graduandos egressos da Matemática, das Engenharias e até da Medicina. “Nunca foi uma proposta nossa formar só para a área de Ciências Humanas. Então, eu acredito que atendemos muito bem esse grande desafio da multidisciplinaridade”, reforça a coordenadora.

Produção extensa

Ela também comenta outras situações enfrentadas pelo PPGSCA. “Além do grande desafio de atender a demanda de professores da Ufam, de professores da rede pública de ensino e de professores de outras instituições, o PPGSCA se dedicou à realização de pesquisa, por par-

te de pessoas nascidas na Amazônia ou que moram na Amazônia há muitos anos, no sentido de mostrar a região a partir de um olhar de dentro para fora. O desafio foi desmistificar, de alguma maneira, aqueles conceitos errôneos sobre a Amazônia, mostrando que havia certos estereótipos que faziam com que a região parecesse menor ou de menos importância diante da ode nacional e mundial, em que ela aparecia sempre do ponto de vista de um senso comum erudito, aquela do maior rio, da grande floresta, da grande sociobiodiversidade... Enfim, esse discurso acaba sendo desmistificado por pesquisas muito importantes que realizamos aqui”, ressalta a coordenadora do PPGSCA.

A professora Marilene Corrêa, que foi coordenadora do PPGSCA de 2015 a 2017, ressalta a produção de livros do Programa e o fato de o PPGSCA ser de toda a área de Humanidades. “É gratificante dizer que o PPGSCA está completando 20 anos cercado por uma extensa produção de livros do seu colegiado, dos alunos

“O PPGSCA, ao longo de seus vinte anos, consolida-se como um parceiro, um colaborador da sociedade brasileira no fio da ciência, que busca pensar a Amazônia, essa Amazônia que ainda carece muito mais hoje de olhares que decifrem fronteiras (...) tecendo e compartilhando saberes”

Professora Iraíldes Caldas - coordenadora do PPGSCA

Em reconhecimento às contribuições do Programa para o município de Parintins, alunos presentearam o PPGSCA com uma tela do artista e mestrando Pedro Vanuzo Tavares



Coordenadora do PPGSCA, professora Iraildes Caldas, durante discurso alusivo aos 20 anos do Programa de Pós-Graduação



“O processo de interiorização de um PPG só ocorre de forma eficiente quando conhecemos o contexto, interagimos com a cultura interiorana, desenvolvemos linhas e projetos de pesquisa aplicáveis à realidade local e quando há uma receptividade da comunidade em se integrar com o projeto”

Professora Marilene Corrêa, docente e ex-coordenadora do PPGSCA

e professores convidados a integrar o programa. Todas as publicações sinalizam as nossas linhas de pesquisa, os projetos realizados, as dissertações e teses defendidas, ou seja, o trabalho que este programa registrou ao longo de duas décadas. Esse programa é de toda a área de Humanidades e, inclusive, já treinou vários pesquisadores e professores, mais de 40% dos professores universitários da Ufam, das universidades de toda a região Norte e das universidades particulares. Podemos dizer que há pelo menos uma pessoa egressa do PPGSCA numa destas universidades que acabei de citar. Cerca de 40% de todo o nosso processo de formação é para pesquisadores e professores que trabalham direta ou indiretamente na rede universitária do nosso estado”, orgulha-se a pesquisadora.

O processo de interiorização da pós-graduação é outro ponto forte do Programa. “Nós temos muita satisfação por ter formado os primeiros doutores na área interdisciplinar em Benjamin Constant e em Parintins com o perfil de pesquisadores capazes de atuar e intervir na realidade. A formação também os qualifica como orientadores de pesquisa avançada em qualquer curso de pós-graduação interdisciplinar do Brasil”, ressalta a professora Marilene Corrêa.

Primeira tese

Egresso da primeira turma do doutorado do PPGSCA, o professor do Departamento de Filosofia José Alcimar de Oliveira foi o primeiro a

EXPANSÃO



Além do polo-sede, em Manaus, o PPGSCA atua em três polos no interior do Amazonas: Benjamin Constant, Parintins e Tabatinga. O Programa recebe profissionais de toda a Amazônia brasileira e da pan-Amazônia, dos países da fronteira e de outros estados da federação. Além de acordos de cooperação com instituições nacionais e internacionais, o PPGSCA possui, no seu quadro docente, professores de outras instituições federais, o que possibilita o intercâmbio interdisciplinar e as trocas de experiências, assim como uma densa produção intelectual.

defender uma tese junto ao Programa. Autor do trabalho “Igara, Uka, Makira Irumu (A Canoa, a Casa e a Rede): epistemologia e barbárie na Amazônia em sete ensaios irredentos”, ele relembra que a pesquisa tomou como fio condutor o confronto epistêmico entre a matriz sapiencial indígena e cabocla e a matriz cartesiana, dualista e dominante, esta marcada por sua pretensão de reduzir a objeto tudo quanto excede os limites de sua medida objetivante.

“Nos sete ensaios constitutivos da tese, discutimos os caminhos possíveis rumo à construção de uma epistemologia da resistência e do reconhecimento do saber originário da Amazônia (indígena e cabocla). Sem o reconhecimento do estatuto epistêmico dessa matriz sapiencial, de arraigada natureza ontológica, não temos como defender a Amazônia e, inevitavelmente, tanto o seu ser natural quanto o seu ser social poderão sucumbir à barbárie da anticivilização do capital sem controle e que a tudo controla, a começar pelo Estado”, detalha o pesquisador.

Sobre os 20 anos do PPGSCA, ele comenta que essas duas décadas devem ser pensadas como parte de um programa coletivo de resistência. “Os 20 anos do PPGSCA completam-se no turbilhão da mais abrangente e intensa crise estrutural do Estado brasileiro, com consequências regressivas no presente e negadoras do futuro. É acelerado o desmonte dos direitos sociais constitucionalmente inscritos e formalmente garantidos pela Constituição de 1988. Por sua natureza interdisciplinar e, portanto, na contramão do insulamento e da barbárie epistemológica dos funcionários da tecnocracia, o PPGSCA é um dos poucos Programas que teimam em pensar a Amazônia como totalidade dialética da unidade tensa do diverso e no confronto epistêmico e sempre desigual entre o paradigma dominante da objetivação exigida pelos padrões preda-

Foto1: Pós-graduandos do polo de Parintins prestigiam a comemoração dos 20 anos do Programa



Discente Ronny Barros

Pesquisador parintinense

“Como representante discente com mestrado e doutorado pelo PPGSCA, posso dizer que a educação de Parintins experimenta ganhos notáveis com o processo de interiorização do Programa. Eles podem ser vistos refletidos nos movimentos sociais e nas reivindicações por Educação, ou na articulação de políticas protagonizada pelos pós-graduandos e egressos do PPG para fomentar discussões acerca de educação do campo, destinação de investimentos em tecnologias ou orientações nas comunidades rurais. Por tudo isso, nós percebemos o quanto os saberes amazônicos se abrem com maior estrutura a partir das intervenções do PPGSCA”





"Na capa, a revista sempre privilegiou os trabalhos de artistas locais. "O projeto gráfico da Somanlu foi elaborado pelo designer Marcicley Reggo que, na época, trabalhava na Livraria Valer. Quando ele nos apresentou, o projeto consistia na ilustração de igarapés convergentes para o detalhe central, que sempre trazia a obra de algum artista local, achamos interessante e definimos que todas as edições deveriam ter essa ideia. Há quem perceba o projeto como a ilustração do sol em que o núcleo traz a obra de um artista local e os raios correspondem a vários olhares, perspectivas e vertentes. Nós nos orgulhamos de todas as edições terem mantido essa identidade"
Professora Selda Vale

tórios da produção e do consumo capitalistas e o paradigma da epistemologia da resistência, ontologicamente arraigado no ser natural e social da Amazônia. Fora desse paradigma Descartes, Kant, Hegel, Marx, como é previsível, continuarão como herdeiros ocidentais da Hêlade, mas incapazes de reconhecer que o Logos também habita a Hileia com igual direito e estatuto epistêmico", avalia o egresso.

Revista Somanlu

Criada em 2000 com o desafio de ser um espaço de discussão multidisciplinar, a Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos – chega aos seus 18 anos. A professora Selda Vale, que coordenou durante muitos anos a publicação, destaca alguns momentos dessa trajetória. Segundo conta, o periódico foi criado quando o professor José Aldemir de Oliveira, primeiro coordenador do Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, ainda estava à frente do PPG.

"Ele era o coordenador e eu era a vice-coordenadora. Além da Somanlu, tínhamos outras publicações. Havia a "Leituras da Amazônia – Revista Internacional de Arte e Cultura", coordenada pelo professor Renan Freitas Pinto, que chegou a três números e foi fruto do primeiro convênio internacional que nós fizemos entre a Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], Ufam e a COFECUB/Grenoble [Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil]; e a "Intertextos", coordenada pelo professor Odenildo Sena, e que funcionou como meio de divulgação do Mestrado", recorda a professora Selda Vale.

Durante as reuniões da Somanlu, os professores discutiam a política editorial e, dentre outras questões, a periodicidade da revista. "Falhamos em alguns momentos. Deixou de ser semestral e acabou ficando anual, tanto que o número 1 e o número 2 ficaram naquela mesma edição, por falta de recurso. Desde 2009 eu não estou mais à frente da Somanlu. Se você imprime, mas não tem uma boa forma de distribuir e fazer circular, a publicação morre, pois se torna endógena. Hoje existe a possibilidade de publicar online e estar instantaneamente ao alcance do Japão, do mundo inteiro. E o mundo está muito interessado na Amazônia, considerando que a palavra Amazônia é mística, é mágica", argumenta a professora.

Ela também destaca o caráter da publicação, que preza exclusivamente pelos assuntos amazônicos. "A Somanlu é a única publicação que é especificamente sobre a Amazônia. Enquanto estive à frente da coordenação da revista, eu primei por essa aposta na produção do pensamento social da Amazônia e isso nos dá um *status* incrível. Quase ninguém conhece os estudiosos da Amazônia que são daqui. Tem gente que pensa que Djalma Batista,

André Araújo e Cosme Ferreira são apenas avindas em Manaus, mas são estudiosos da Amazônia. Cosme Ferreira foi secretário da Agricultura, tem livros publicados sobre as perspectivas econômicas na Amazônia; Araújo Lima é considerado nacionalmente o primeiro sociólogo daqui da Amazônia, ou seja, tem um monte de pessoas a quem não é dada a devida importância, que publicaram coisas daqui e se debruçaram para entender tudo isso. Nós vimos, na publicação da Somanlu, um meio de estimular a produção intelectual dos mestrandos, apresentar esses pensadores e, ao mesmo tempo, os pensamentos de pessoas de fora sobre a Amazônia, de vários professores com os quais nos articulamos. Como dizia o professor Otávio Ianni, nós temos a obrigação de revelar a Amazônia para o mundo”, destaca a professora, que foi a segunda coordenadora do Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, juntamente com os professores Nelson Noronha e Márcia Perales.

Atual coordenador da Somanlu, o professor Michel Justamand acredita que a revista, ao completar os 18 anos, está em sua plena maturidade acadêmica e pronta para outros desafios. “Coordeno a revista desde julho de 2017. Nessa trajetória, a Somanlu ficou um período sem atividades, cinco anos, mas, de 2017 para cá, colocamos quase todos os números atrasados em dia. Nessa trajetória, participaram autores do Programa PP-GSCA e de outros programas da Universidade. Contamos com a participação de autores de outras instituições amazônicas e de outras partes do Brasil, além dos nossos discentes da pós-graduação de mestrado e de doutorado. A revista tem servido como um espaço de divulgação das temáticas amazônicas de maior interesse científico. Ao completar 18 anos, o periódico atinge a maturidade acadêmica e está aberto para alçar novos voos”, conclui o docente.

Foto 1 - Professora Selda Vale com edições da Somanlu
Foto 2 - Alunos Polo Parintins presenteiam PPGSCA
Foto 3 - Encerramento do Seminário alusivo aos 20 anos do PPGSCA contou com diversas apresentações culturais



INVESTIGAR A FLORESTA AMAZÔNICA É A MISSÃO DO PPGCIFA HÁ MAIS DE 15 ANOS

Linhas de pesquisa com aspectos atuais são o maior diferencial do curso: Conservação da Natureza, Silvicultura de Florestas Tropicais, Manejo e Tecnologia de Recursos Florestais

por SANDRA SIQUEIRA | imagens ASCOM UFAM

A semente do mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais e Ambientais (PPGCifa) foi plantada em 2003 quando, sob a coordenação do professor Lizit Alencar da Costa, foi submetida à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) a proposta para criação do programa. A resposta positiva da Capes viria coroar o esforço do pequeno – mas fortemente engajado – grupo de docentes do curso de Ciências Florestais.

“Com a titulação do Departamento de Ciências Florestais no início dos anos 2000, na Faculdade de Ciências Agrárias, existia somente uma pós-graduação em Agronomia e outra no CCA [Centro de Ciências do Ambiente]. Esse grupo de pesquisadores, liderado pelo professor Lizit, começou a traçar as metas e diretrizes

para o projeto, para lançar a PCN [Proposta de Curso Novo], para submissão do projeto para a Capes. Na verdade, nesse primeiro momento, estávamos eu, o professor Lizit e o professor Júlio Tello. Isso em 2002. Sentamos, escrevemos o projeto, corremos atrás de montar a estrutura do programa. Em 2003, a proposta foi aprovada e, ainda no primeiro semestre, teve início a primeira turma”, detalha um dos precursores da iniciativa, professor Nabor Pio.

“Ele nasce pela aspiração de termos um curso com a cara da Engenharia Florestal. Pensávamos que deveríamos ter um curso de pós-graduação para poder receber esses alunos e continuar a sua formação num nível mais elevado. Então, conversando inúmeras vezes, pensamos que tínhamos de colocar a cara e começar a abrir os caminhos



para criar o curso”, lembra o professor Júlio César Rodriguez Tello, outro membro daquele grupo inicial.

Convidada para trabalhar como secretária do futuro PPG, Elzimar Braga acompanhou de perto o processo de criação da proposta que daria origem ao mestrado. “O professor Lizit não desanimava porque ele queria criar um curso que era novo, importante para Ufam, era importante para Amazônia”, conta. Como não poderia deixar de ser, a notícia da aprovação da proposta foi recebida com grande alegria pelos profissionais envolvidos, em especial, pelo professor Lizit Alencar. “Ele ficou eufórico, muito feliz mesmo. E disse: agora vamos correr atrás da estrutura”, lembra a ex-secretária sobre o professor que faleceu em 2017.

Para o professor Júlio César Tello, a aprovação da PCN foi na primeira tentativa, inclusive por todo o significado que o curso teria para esta região. “Somos estratégicos porque temos uma Amazônia imensa e os cursos que existiam e existem são pouquíssimos para dar conta dela”, argumenta o docente, ao acrescentar toda a estrutura foi pensada para atingir esse objetivo.

A Amazônia como campo

Tendo as Ciências Florestais e Ambientais como área de concentração, o PPGCifa possui três linhas de pesquisa: Conservação da Natureza, Silvicultura de Florestas Tropicais e Manejo e Tecnologia de Recursos Florestais. Há disciplinas trabalhadas por 13 docentes permanentes e, anualmente, o programa recebe de 12 a 15 pós-graduandos a cada processo seletivo.

Com a Floresta Amazônica como foco de estudo, o mestrado capacita profissionais a conhecerem o potencial da flora local. “Vamos encontrar uma infinidade tão grande de material, de organismos de toda a natureza em um território dessa magnitude. A riqueza é muito grande dentro da Amazônia. Faltam cabeças, mãos e braços para abraçar o conhecimento que existe aqui”, revela o professor Júlio Tello, um dos criadores do PPGCifa.

“Vamos encontrar uma infinidade tão grande de material, de organismos de toda a natureza em um território dessa magnitude. A riqueza é muito grande dentro da Amazônia. Faltam cabeças, mãos e braços para abraçar o conhecimento que existe aqui”

Professor Júlio Tello, um dos criadores do Programa



Foto: Kyd Roges

Professor Nabor Pio ajudou a construir a história do PPGCifa



Primeira Turma

Vencida a primeira etapa, a equipe precisava agora tratar dos próximos passos: o lançamento do primeiro edital, a estrutura para funcionamento e a chegada da primeira turma. A estrutura física foi um dos obstáculos superados com persistência e diplomacia por parte da coordenação do novo PPG. “O começo, como todo começo, foi complicado. Como o curso da unidade é o de Agronomia, ele tomava conta de todo o espaço físico, então, foi uma longa negociação entre o professor Lizit e a direção da FCA”, comenta o professor Nabor Pio.

Assim, as aulas iniciaram sendo ministradas em salas de aula do bloco F do setor Sul, antigo Minicampus. Mas ainda faltava conquistar o espaço para o funcionamento da secretaria e da coordenação que, a princípio, existiram em espaços cedidos provisoriamente. “A gente mudava bastante de sala porque não havia uma estrutura própria, mesmo assim o professor Lizit não desanimava porque ele queria criar algo que era novo, importante para Ufam e importante para Amazônia”, conta Elzimar Braga. “Ele dizia: eu comecei, eu vou terminar. Isso não é meu, isso é para a Universidade. Eu vou deixar isso para os próximos darem continuidade”, revela.

Marcando o efetivo início do oferecimento do curso, a chegada da primeira turma trouxe ao grupo a alegria de ver o programa funcionando, mas também o desafio de ensinar sem as condições ideais para tanto, o que fez com que o coordenador do programa convocasse os estudantes a abraçar o sonho de oferecer pós-graduação na área apesar dos embaraços no caminho. “O professor [Lizit] foi muito claro com eles. Ele disse: o curso está começando, não temos a estrutura ideal para trabalhar. Vamos precisar da ajuda de vocês”, recorda Elzimar.

Acreditando na proposta do curso e no desempenho docente, os alunos vestiram a camisa. “Eles aceitaram o desafio. Esses alunos foram importantes porque eles abraçaram o curso também”, diz Elzimar. “Com todas as dificuldades, o sonho sempre estava presente. E o sonho não deixa você pensar nas dificuldades quando você tem algo realmente grande para fazer”, afirma o professor Júlio Tello.

Os primeiros anos foram de muito trabalho para oferecer aos estudantes uma pós-graduação com a qualidade desejada. A busca por editais, parcerias e apoio institucional se tornou uma constante para o programa e o Insti-

Alunos da turma de 2018



tuto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), por exemplo, teve uma participação importante para o funcionamento do curso.

A qualidade foi se mostrando principalmente por meio dos dois importantes diferenciais: as linhas de pesquisa que fugiam da formação generalista e as práticas de campo, realizadas em plena Floresta Amazônica. Isso não só atraiu candidatos para o processo de seleção como também garantiu a formação de excelência aos alunos aprovados. “Somos o único curso no Brasil com áreas bem definidas, onde os alunos elegem a sua porque têm afinidade com ela. Por isso, digo que é um curso *sui generis*, com diferencial”, expõe o professor Júlio Tello.

Fase Madura

Enfrentando qualquer dificuldade encontrada, professores, técnicos-administrativos em Educação e estudantes mantiveram sempre firme o compromisso com curso de pós-graduação e, assim, obtiveram muitas vitórias e conquistas. Uma delas, a melhoria da estrutura, foi adquirida em 2013 quando a Reitoria entregou aos programas de pós-graduação da FCA e do ICB o prédio da Pós-BioAgro.

“É interessante ver o avanço do programa nos últimos anos. Acho que, dentre os marcos principais, pode-se destacar a ampliação da infraestrutura. Hoje, temos uma sala de aula específica do programa, a sala de seminários e a secretaria conjunta. Em breve, teremos implantada uma Central Analítica, que é um laboratório multiusuário. Então, esta foi uma etapa importan-

PRINCIPAIS NÚMEROS

13

Docentes permanentes

12 a 15

Ingressantes por Edital

03

Linhas de pesquisa

Mais de 190

Mestres diplomados

Alunos da turma de 2018 e 2019



“É um antagonismo muito grande porque é na Amazônia. O Estado tem que colocar a Floresta como algo estratégico, que atraia recursos. É preciso mudar um pouco a filosofia política florestal do Estado. Temos de abrir áreas de concessão florestal urgente. Temos de atrair empresas, zonestar o estado para saber onde é possível mexer com madeira e onde é ecologia pura”

Professor Nabor Pio, sobre o mercado de trabalho dos egressos

te que a gente vê que melhorou significativamente em relação ao que se tinha anteriormente”, avalia o então coordenador do Programa, o professor Marciel José Ferreira.

Outro ponto destacado pelo ex-coordenador foi a melhoria na formação científica e acadêmica dos discentes por meio da formatação de algumas disciplinas já existentes e da criação de outras na expectativa de levá-los a desenvolver um pensamento científico crítico e alinhado com a necessidade de produzir informações que subsidiem a gestão sustentável dos ecossistemas florestais na região amazônica.

Já para o professor Nabor Pio, o maior legado do programa são seus egressos. Nos 15 anos de existência, o PPGCifa

já diplomou mais de 190 mestres em Ciências Florestais e Ambientais. As parcerias bem sucedidas com Inpa e Embrapa são também razão de alegria para o Programa. “Temos realmente parceiros aqui. Há troca da parte de orientação e coorientação, pesquisadores responsáveis por disciplinas e laboratórios de lá estão cooperando”, disse.

A excelente qualificação e o compromisso da equipe de trabalho do PPGCifa foram o destaque indicado pelo professor Júlio Tello. Além do apoio dos TAE dedicados às atividades do Programa, os docentes que compõem o quadro da pós-graduação são de primeira linha. “Temos um grupo seletivo dentro da Ufam em que todos são doutores”, comemora.

Defesa de tese da aluna Débora Silva, número 204, das 205 do PPGCifa até meados de 2019



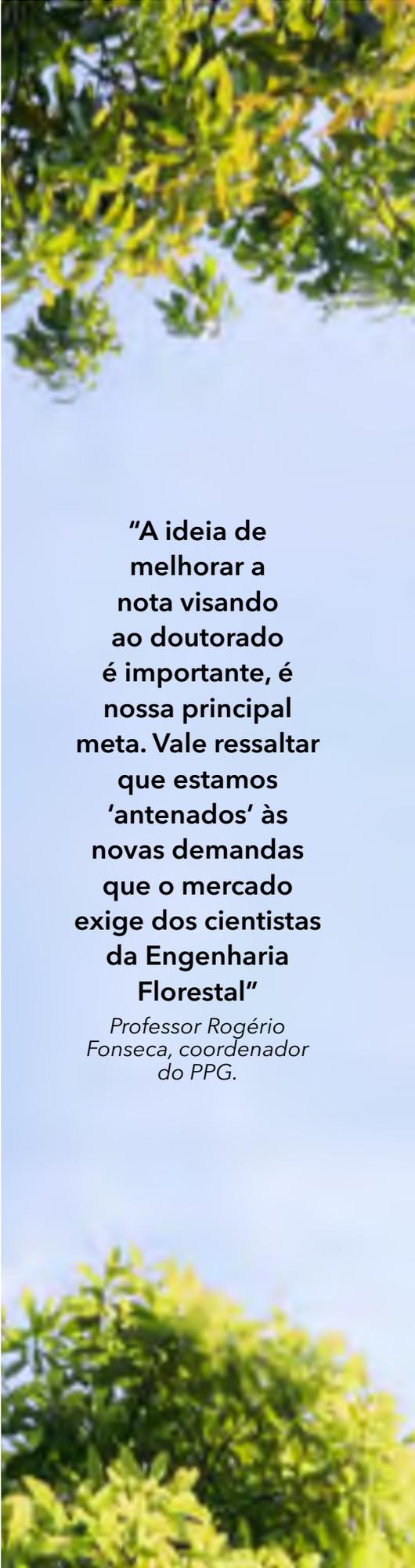
Desafios e Perspectivas

São muitos os motivos para celebrar, mas o principal desafio do programa é um só: melhorar os indicadores quanto à produção intelectual. Segundo o coordenador, na última avaliação da Capes, o programa manteve o conceito 3 por causa do baixo desempenho nesse critério, o que tornou necessário o ajuste do curso para mudar essa realidade. “Estamos trabalhando junto a docentes e discentes conforme as recomendações feitas na ficha de avaliação pelo Comitê de Área da Capes para que, nesse próximo quadriênio, possamos melhorar os indicadores e alcançar o conceito quatro”, informa.

A busca por maior presença dos profissionais no mercado de trabalho é outro obstáculo a ser superado, segundo o professor Nabor Pio. “A visão preservacionista e a falta de políticas públicas voltadas para o manejo consciente da Floresta explicam a ausência de vagas para egressos do curso. É um antagonismo muito grande porque é na Amazônia. O Estado tem que colocar a Floresta como algo estratégico, que atraia recursos. É preciso mudar um pouco a filosofia política florestal do Estado. Temos de abrir áreas de concessão florestal urgentemente. Temos de atrair empresas, zonedar o estado para saber onde é possível mexer com madeira, onde é ecologia pura”, declara.

Para os próximos anos, a equipe pretende alcançar outros objetivos, entre eles o de chegar ao conceito quatro e ofertar o doutorado, maior anseio dos profissionais egressos. “A principal meta é implantar o curso do doutorado. Assim que atingirmos esse ponto, vamos construir uma PCN para implantarmos o nível de doutorado no Programa”, revelou o ex-gestor do programa. O objetivo permanece firme, segundo o professor Rogério Fonseca, atual coordenador. “A ideia de melhorar a nota visando ao doutorado é importante, é nossa principal meta. Vale ressaltar que estamos ‘anteados’ às novas demandas que o mercado exige dos cientistas da Engenharia Florestal”, revela o gestor do PPG.

Outras perspectivas são a melhoria da qualidade dos laboratórios e aumento do número de publicações científicas de maior impacto. “Se Deus quiser, nos próximos 15 anos já teremos os laboratórios bem equipados e o doutorado implantado e consolidado. Vamos trabalhar para isso”, declarou o professor Nabor Pio. “Acabar de fazer um projeto de doutorado para nós é uma questão de honra e um desafio grande. Com os dois cursos consolidados, nós estaremos formando mais engenheiros florestais de alta competência”, conta o professor Júlio Tello.



“A ideia de melhorar a nota visando ao doutorado é importante, é nossa principal meta. Vale ressaltar que estamos ‘anteados’ às novas demandas que o mercado exige dos cientistas da Engenharia Florestal”

Professor Rogério Fonseca, coordenador do PPG.

CURSO DE ECONOMIA COMEMORA 60 ANOS DE ATIVIDADE

Egressos atuam estrategicamente para o desenvolvimento econômico do Amazonas

por SANDRA SIQUEIRA | imagens ASCOM UFAM

Muitos dos gestores locais saíram das salas de aula do curso que comemorou seus 60 anos de atividade em 2018. São profissionais que atuam ou atuaram nas funções de secretários estaduais ou municipais. Líderes empresariais com forte influência na economia regional também estão entre os egressos de Economia alocada na Faculdade de Estudos Sociais (FES). Uma das graduações tradicionais da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), o curso sexagenário é uma fonte contínua de renovação das ideias e do cenário político e empresarial do estado.

O curso foi criado em 1955, como Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas, pelo governador Plínio Ramos Coêlho, que tinha o objetivo de preparar recursos humanos para servir às ne-

cessidades locais em setores estratégicos em prol do desenvolvimento do estado. A Faculdade foi instalada em 2 de maio de 1958 e a primeira aula do curso se deu no dia 14 de maio de 1958, no Instituto de Educação do Amazonas (IEA).

Um dos docentes que acompanhou a história do curso de Economia, Francisco Mourão, é filho de outro docente do curso, Fueth Mourão, e ingressou como aluno em 1965 e, em 1973, como professor. Conforme avalia Francisco Mourão, Plínio Coelho foi um estadista que viu na educação superior o caminho para o crescimento econômico do estado pela formação de recursos humanos capacitados para atender as demandas locais.

Segundo o professor, a situação econômica do Amazonas nas décadas de 1950 e 1960 não era nada boa em razão do fim do Ciclo da Borracha e



Professor Plínio César Coêlho é professor do curso e filho do ex-governador Plínio Coêlho, criador do curso



da falta de alternativa de atividade produtiva para o estado, especialmente para os municípios do interior. “Estávamos no fundo do poço”, declara. “Quando entramos na década de 1960, só havia um grupo econômico que movimentava a economia do interior, chamado Isaac Benayon Sabbá, que tinha conseguido trazer a refinaria da Petrobras para Manaus. Um feito extraordinário. Mas, dali em diante, quem passaria a movimentar a economia do interior, já que não tinha mais a borracha? Quando entramos na década de 1950, o interior começou a sentir a falta de um produto para dar sustentação a econômica”, conta.

A necessidade de recursos humanos locais também foi um fator considerado pelo governador para criar a Faculdade. “Quando o Álvaro Maia entregou o governo para ele, o funcionalismo estava com sete ou oito meses de atraso [nos pagamentos], então, o Estado precisava fazer uma reforma administrativa e fiscal, mas, sem capital intelectual na área, não seria possível. Tanto que ele teve que buscar

mão de obra especializada fora, a exemplo do Desirée Guarani e Silva, que foi tributarista, um economista de São Paulo, para fazer a reforma e criar a Lei Nº 05 para poder tributar o comércio de Manaus e fazer que o Estado arrecadasse para fazer frente às suas despesas e necessidades de desenvolvimento”, conta Plínio César Ramos Coêlho, filho do ex-governador e também ex-professor do curso de Economia.

Além disso, as concessões dos serviços públicos de energia elétrica, transporte coletivo, água e esgoto, que tinham sido firmadas no início do século com os ingleses, estavam se encerrando. Então, Manaus passaria por uma fase de declínio econômico e estrutural. “O Plínio Coelho era um jurista, ele precisava fazer planejamentos mais ousados”, aponta Mourão.

Consolidação

Ainda que tenha sido criada para alavancar o desenvolvimento local, em seus anos iniciais a Faculdade de Ciências Econômicas precisou de auxílio para se consolidar. As dificuldades eram várias, administrativas e estruturais, desde obter a re-

gularização junto ao Ministério da Educação a possuir uma sede própria com condições adequadas para receber profissionais e estudantes. Mesmo assim, o trabalho foi feito graças ao compromisso de professores e alunos, em especial, das primeiras turmas. “Basicamente, as aulas eram ministradas pela turma que veio do Direito. Meu pai era bacharel em Direito, o professor Samuel Benchimol e também o desembargador Mário Verçosa. Apesar de não serem economistas, eles eram autodidatas, com uma cultura ampla. O meu pai, por exemplo, era um enciclopedista. Conhecia da Bíblia ao Capital, de Marx. Eu, como economista, tinha embates com ele para discutir os clássicos de economia. Ele conhecia muito a obra de todos”, detalha o professor Plínio César Coêlho.

No sexto ano de atividade, a Faculdade de Ciências Econômicas foi transferida para a então Universidade do Amazonas (UA), pelo Decreto Nº 68 de 29 de julho de 1964, assinado pelo governador Artur César Ferreira Reis. O reconhecimento do MEC só veio em 1975 e, depois

“As pessoas estão saindo do curso e pensando apenas em gerar lucro para as empresas. O capitalismo é inexorável, é um processo e não tem como fugir dele. O problema é você tornar o capitalismo mais humano. E como você faz isso? Lendo. Discutindo, por exemplo, um livro chamado ‘O capital no século XXI’, de Thomas Piketty. E é isto que falta: uma discussão mais aprofundada sobre os temas importantes”

Professor Plínio César Coêlho

de funcionar em vários endereços diferentes, o curso mudou-se em definitivo para o *campus* universitário da Instituição em 2002.

Com o tempo, o curso experimentou mudanças essenciais para se manter atual e conforme as necessidades do mercado. De início, os bacharéis em ciências econômicas se especializavam em áreas como planejamento governamental, elaboração e análise de projetos econômicos bem como nas técnicas de análise de investimentos. Posteriormente, passaram a priorizar as discussões em torno do desenvolvimento regional na Amazônia e de suas políticas.

Atualmente, se discute a organização industrial bem como a análise das cadeias produtivas regionais. Além disso, também discutem de forma crescente a bioeconomia e refletem sobre a economia criativa e comportamental. Nesse sentido, a necessidade de especialistas, mestres e doutores tem sido cada vez maior para o exercício profissional pleno dos egressos.

Missão cumprida

Ao longo de suas seis décadas, o curso de Economia superou os obstáculos e há muito vem cumprindo a missão que recebeu quando de sua criação. O primeiro passo foi a formação dos primeiros profissionais que passaram a ocupar vagas no ensino e no mercado local, carente de economistas. “Particularmente no caso dos alunos das primeiras turmas, em decorrência de sua qualificação, foram estabelecidos diversos escritórios de consultoria econômica, de forma a auxiliar o processo de implantação e de ampliação das empresas que estavam sendo instaladas no âmbito do Modelo ‘Zona Franca’, que teria surgido alguns anos depois”, informa o professor Salomão Franco Neves, coordenador do curso.

Um novo cenário econômico começava a surgir no Amazonas com a chegada da ZFM. Assim, os egressos do curso passaram a ocupar posições estratégicas para o crescimento da região, tanto no setor público quanto na iniciativa privada. “Ele cresceu junto com



Professor Salomão Neves,
coordenador do curso de
Economia

o modelo Zona Franca e, à medida que isso acontecia, os egressos foram participando ativamente nas secretarias de planejamento da Codeama [Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas], que era um órgão muito importante no planejamento econômico local”, afirma o coordenador do bacharelado.

Alguns dos egressos atuaram e atuam em setores estratégicos tanto na administração pública quanto nas instituições privadas, e diante disso é possível dizer que o curso, nascido há 60 anos, cumpriu e segue cumprindo sua missão de colaborar para o crescimento da economia local. “Muitos professores e alunos saíram daqui e ajudaram a elaborar planos de governo eficazes”, argumenta o professor Plínio César.

Outro aspecto importante foi a formação de professores para as demais instituições de ensino surgidas ao longo dos anos. Diversas faculdades de Manaus tiveram e ainda têm a colaboração de egressos do curso de Economia da Ufam.

Desafios atuais

Aos 60 anos, a graduação tem um novo desafio pela frente: reinventar-se e se adaptar aos tempos atuais e suas demandas na área econômica. “Por isso a preocupação com a qualificação e a empregabilidade de nossos alunos é constante. Cientes da necessidade de reduzir a taxa de evasão ao mesmo tempo em que buscamos formas de garantir um padrão de qualidade correspondente à tradição imposta por nossa história, estamos em processo de discussão e elaboração de um novo projeto pedagógico”, conta o professor Salomão. “Em paralelo, no sentido de proporcionar qualificação ainda mais robusta, estamos em processo de discussão para criar cursos de pós-graduação *lato sensu e stricto sensu*”, completa.

Para o professor Plínio César Coêlho, um dos desafios da formação atual do economista é exatamente contemplar o aspecto humanístico da profissão para que ela coopere para o bem da sociedade. “As

FIGURAS PÚBLICAS

FLÁVIA GROSSO
Ex-superintendente da Suframa

FRANCISCO MOURÃO
Economista

JAIME BENCHIMOL
Professor e empresário

JEFFERSON PÉRES
Político

JEFFERSON PRAIA
Político

LINCOLN CAMPOS
Superintendente do Isae

RUY LINS
Ex-superintendente da Suframa

SAMUEL BENCHIMOL
Professor e empresário

SAUL BENCHIMOL
Professor e empresário

SYLVIO MÁRIO PUGA FERREIRA
Reitor da Ufam (2017-2021)

VI Semana de Economia da Ufam, em 2017, com a participação dos professores Marcelo Milan e Rudinei Tonetto



pessoas estão saindo do curso e pensando apenas em gerar lucro para as empresas. O capitalismo é inexorável, é um processo e não tem como fugir dele. O problema é você tornar o capitalismo mais humano. E como você faz isso? Lendo. Discutindo, por exemplo, um livro chamado 'O capital no século XXI', de Thomas Piketty. E é isto que falta: uma discussão mais aprofundada sobre os temas importantes”, avalia o docente.

Economia do Amazonas

Testemunha das mudanças pelas quais o Amazonas passou nesses anos, esse bacharelado da FES acompanhou de perto o sucesso e o fracasso de medidas governamentais no intuito de levar o Estado a um novo patamar de desenvolvimento.

Para o professor Salomão, o Estado obteve algumas conquistas que não podem ser ignoradas, como a instalação da Zona Franca, que proporcionou uma expansão significativa tanto da Indústria quanto do Comércio, gerando emprego e renda para fortalecer a economia regional. Isso tudo, por sua vez, contribuiu para a aceleração da urbanização e da infraestrutura, embora a um custo social bastante alto.

Segundo os decanos da Economia, esse é o ponto em que mais será preciso investir, já que a expansão das atividades econômicas causou e foi causada por um fluxo migratório significativo do interior para a capital, o que resultou numa desordem social em vários setores e ajudou a elevar os índices de insegurança, de prostituição, de invasões territoriais, dentre outros.

O professor destaca os avanços em relação ao meio ambiente, com a criação do sistema de unidades de conservação que permitiu uma redução gradativa do desmatamento. Entretanto, ainda há desafios a serem enfrentados. “Este processo só será adequado se os aspectos ambientais, sociais e econômicos evoluírem de forma harmônica. O caminho para isso começa na faculdade, com a formação de capital humano”, declara Salomão.

Os docentes concordam quanto à importância do modelo ZF para o Amazonas, também no ponto de que este não pode ser substituído ou encerrado de forma imediata, pois haveria danos gigantescos para o estado e a região. Tanto o professor Salomão quanto o professor Plínio César acreditam na necessidade de criação de novos modelos econômicos que possam se desenvolver em paralelo ao da ZFM para que não haja mais a dependência de apenas um.

Equipe organizadora da II Semana de Economia, em 2011. O evento contou com participação de entidades profissionais e de outras universidades



“Precisamos trabalhar a questão de outros modelos de desenvolvimento para o estado, mas não se pode simplesmente rasgar o modelo Zona Franca. No curto prazo, seria um desastre. Podemos, junto com esse modelo, entrar com os produtos que agreguem valor à região, os fármacos. Não temos aqui uma indústria de fármacos, mas é difícil, porque não há escala de produção, embora precisemos prospectar. Investir em infraestrutura é essencial, e o Estado ainda é refém de infraestrutura, de energia, de estradas, de portos... Temos que atacar essa matriz, a da infraestrutura”, sugere o professor Plínio César Coêlho.

Crise econômica e Alternativas

Diante do cenário atual do País, os economistas avaliam um aspecto preponderante para o desempenho econômico local, as decisões políticas vindas de Brasília. Segundo eles, o comportamento do governo federal é um condicionante para que o Brasil se recupere da crise que vivencia. Ambos defendem maior intervenção estatal na economia, especialmente neste contexto, para que o País volte a ter estabilidade nessa seara.

“O estado precisa ser presente na economia. Agora, é claro que ele não pode prescindir do capital privado. Você tem que disciplinar esse capital. Fazê-lo jogar a seu favor e não entregar tudo para ele. Não funciona assim. Eu não vejo como o Brasil vai sair dessa crise por esse caminho. O Estado tem que ser um agente que tem que estar atrelado com o capital privado, fazendo as parcerias público-privadas necessárias, criando a infraestrutura. Eu não vi nenhum movimento no sentido de trabalhar a redução do desemprego, só aumentou, também de trabalhar a inadimplência das microempresas, que é quem gera empregos”, pondera o professor Plínio César Coêlho.

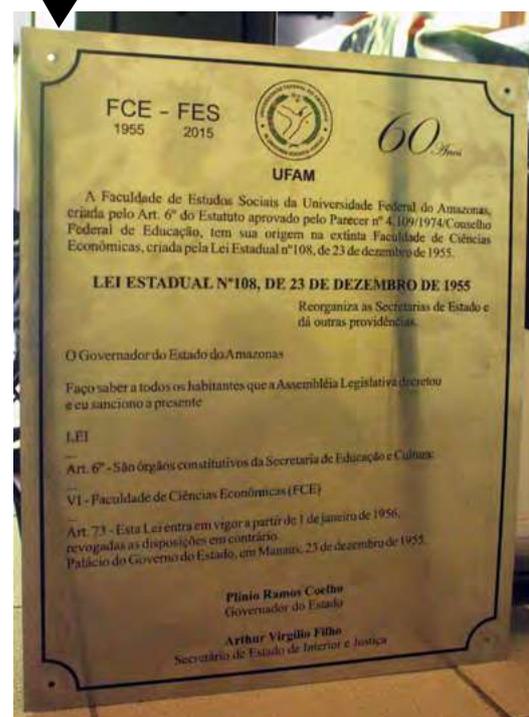
Nessa linha de pensamento, o professor Salomão acredita que o apoio às pequenas empresas é o primeiro passo para a geração de empregos. Para isso, o coordenador afirma que o novo governo deve criar políticas com foco nos pequenos negócios. “É importante que os micro e pequenos empresários estejam seguros e apoiados o suficiente para ampliar seus negócios, mas eles só farão isso se sentirem confiança no Estado”, analisa o professor.

“O papel do Estado é fundamental, seja para alocar recursos beneficiando setores, seja para tornar o processo ágil e justo para criação de empresas ou colhimento de impostos, por exemplo. O setor privado precisa dessa segurança institucional para funcionar”, finaliza ele.

“O papel do estado é fundamental, seja para alocar recursos beneficiando setores, seja para tornar o processo ágil e justo para criação de empresas ou colhimento de impostos, por exemplo. O setor privado precisa dessa segurança institucional para funcionar”

Professor Salomão Franco Neves, coordenador do curso

Registro histórico da FES a partir da instalação da Faculdade de Ciências Econômicas



EXPEDIENTE

ascom

Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

Ana Carla dos Santos Souza

EDIÇÃO E REVISÃO

Cristiane Souza

REDAÇÃO

Cristiane Souza

Márcia Grana

Sandra Siqueira

Juscelino Simões

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rakell Bandeira Pereira

CAPA E FINALIZAÇÃO

Bruna Andrade

Av. Rodrigo Octávio, 6200

Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho

Coroado, Manaus - Amazonas

ascom@ufam.edu.br

(92) 3305-1480

ufam.edu.br

2018



@ufamoficial



@ufam_



@_ufam



UFAM

Desde 1909
Nosso maior patrimônio

ufam.edu.br